

eram 3h da madrugada nem havia contido algum à minha frente, mas uma compressão melhor acontecia em mim na percepção de que é à noite mesmo que todos os gatos são pardos...

Em casa, encontrei minha mãe ainda acordada na sala de televisão. Ali estivera na leitura de um livro. Devido ao silêncio da sala com o aparelho desligado, durante toda a minha conversa com os dois militares ela escutara sem propósito. Disse-me que ficara pasmada, a ponto de cobrar-me atenção dobrada pelo perigo a que eu estava me expondo em levar tão profundamente a minha pesquisa. Pessoalmente ela não se envolvia em instante algum com o meu trabalho mas, acompanhara-o de perto como era natural que isso ocorresse. No entanto, a partir daqueles depoimentos ela própria passou a acreditar que, havendo o envolvimento do Exército, os rumores do *incidente em Varginha* poderiam ganhar outra dimensão, estando temerosa por saber de meu envolvimento.

Comentamos este fato, mas procurei tranquilizá-la na medida do possível. Sairia de casa somente quando necessário e em momentos específicos, obviamente me resguardando ao máximo. Meus contatos, fazia-os normalmente à noite, e mais nenhum nome mencionava por telefone.

Na manhã seguinte, antes de ir a Varginha, telefoniei para o escritório do Ubirajara, solicitando a Celmeire que não o deixasse sair, porque estava levando uma informação que faria tremer as muralhas da China.

E o encontrei ansioso.

— Vamos nos sentar, que precisamos conversar com calma — disse-lhe. — Mas antes vou pegar uma candea e explicar como está a situação. E a medida que narrava o que ouvira por parte dos militares, fui enumerando os nomes dos outros também militares envolvidos.

Ubirajara estava boquiaberto.

— Deus do Céu! — exclamou. — Olha a coisa finalmente se configurando! E a gente estava em desconflança! E agora? Como descrever de tudo isso? — Se pôs pensativo mais contente. — E você, gravou tudo?

— Dessa vez, não.

— E haverá possibilidade de gravar?

— Certamente que sim. Pode levar tempo, porque os dois militares estão

um tanto arredios. Mas tentarei.

Senti a euforia dele ao perceber o meu empenho cada vez maior em fazer da nossa parceria uma soma de esforços na maior pesquisa ufológica já empreendida por duas pessoas que, a princípio, nem se conheciam.

Ubirajara fez um longo silêncio, inquirindo:

— Se levaram a cadêra para o Humanitas, por que o Hospital Regional tem sido mencionado nos boatos?

Pelo que podíamos concluir e pelas informações acessórias que já haviam recolhido, a cadêra teria tido uma passagem muito rápida naquele final de semana no Hospital Regional por de possuir um pronto-socorro e atender grande parte da população, inclusive crianças. Onde se conclui que seria temeroso demais mantê-la dentro do hospital, apesar de ser uma criança. Mas, como a cadêra mantinha a estranha movimentação ali ocorrida. Mas, mesmo que a criança tivesse ficado por instantes, quem, afinal, a capturara? Quem a levou a exames? E em qual veículo, se os caminhos do Exército somente foram utilizados para retirar as *criaturas* de Varginha? Se a primeira foi capturada pelo Corpo de Bombeiros (no sábado, dia 20 de janeiro, às 10h30) e, a segunda, retirada do Hospital Humanitas (na segunda-feira, dia 22 de janeiro, à tarde)... quem, teria, afinal, capturado a segunda *criatura*? Sabíamos que mais cedo ou mais tarde acabaríamos descobrindo. Tempo não nos faltaria para pesquisar.



# Capítulo



*A alma inquietiva  
do fronteiro ergue-se  
acima dos credos  
dogmáticos de ontem.  
Para a religião  
de amanhã.*

Voltaire

Nas nossas saídas de Varginha, meu parceiro e eu percorriamos a rodovia Fernão Dias, BR-386, quando nos demos conta que estávamos próximos a Passatempo, cidade praticamente localizada entre Três Corações e Belo Horizonte. Ali reside o conhecido ufólogo e pesquisador Antônio Faleiro.

— Vamos dar um entrada e fazer uma visita a ele? — convidou Ubirajara Concordeiro.

Era final de tarde e tínhamos rodado o dia inteiro, findando mais uma rotina de entrevistas e depoimentos.

Não o conhecia pessoalmente e, para mim, seria de bom grado estreitar amizade com mais um pesquisador que tem prestado enorme contribuição à Ufologia, tendo, inclusive, construído um observatório no alto de um morro localizado a uns 13 quilômetros da cidade, destinado à observação de Objetos Voadores Não Identificados.

Recebi-nos com agrado e satisfação, sendo uma pessoa gentil e extremamente bem humorada. Como estava muito bem sincronizado com as informações do *Incidente de Varginha*, pude saber através das leituras dos jornais e da televisão até onde a mídia não podíamos passar para ele todas as notícias atuais sobre a área, sobre os temunhos conseguidos. Devíamos aguardar a publicação de um livro que nós mesmos pudéssemos trazer-las a público num momento oportuno e com o maior número de ufólogos, mais a imprensa reunida.

Convidados que fomos para um café acompanhado de brava de fibra, pão de queijo e outras tantas iguarias — o que deu origem à conversa —, fomos recebidos por convidados em suas casas. Ufologia do Brasil, sendo que a minha presença perante o Faleiro e eu lhe deu o nome de *CICOAMI*, deixasse-o surpreso por não haver conhecido a mim há mais tempo. Justifiquei minha ausência do meio ufológico por estar sempre envolvido numa ou outra missão de campo e pesquisas, sem ter tido oportunidade de expor os meus trabalhos porque até então eram passados para o *CICOAMI*, ali ficando em arquivos pura e simplesmente.

Embora o que ele soubesse se baseasse apenas nos recortes de jornais e nos dois programas do *Fundástico* o pouco de novidade por nós mencionado a ele fez com que ficasse atônito, a ponto de exclamar bem a seu jeito mineiro: — Agora, então, é que a coisa vai foder! E quando vão vaziar essas informações?

— Não vai demorar — respondi e rimos descontraindo.

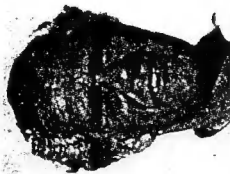
— Vocês, vão levar tudo a público?

— Quando chegar a hora, sim!

— Virgem Maria! — e coçou o queixo, num gesto de perplexidade e satisfação. — E vocês têm todo o meu apoio.

Por mais um tempo alongamos a nossa conversa e chegou a hora de partirmos.

Despedimos-nos num caloroso abraço, pegando a rodovia de retorno a Três Corações, onde eu ficaria e, a



O mestre Antônio Faleiro, construtor do primeiro observatório ufológico do Brasil



Variginha, roteiro final do Ubrajara. Era noite, e a rodovia estava em obra de duplicação, com o tráfego de caminhões pesados passando por nós buzinando, mais os emburruamentos de alguns motoristas. Agora isso, ainda havia algumas realizações momentâneas em alguns trechos. Como o Ubrajara estava muito tenso ao volante, para distrairmos retornamos a tocar de músicas e a cantá-las a nosso modo e para a nossa necessária descontração.



Eduardo Bertoldo Praxedes,  
funcionário da Parmalat  
(foto capturada de vídeo)

No dia seguinte, como de costume, estava de novo em Variginha coordenando as informações, chegavam. Ateli por bem fazer um roteiro da semana, digamos assim, escrevendo o que havíamos conseguido até então e o que faltava. E estabelecer prioridades em relação a quantos contatos de entrevistas teríamos que fazer durante aquele dia, pelo menos.

O telefone não parava de tocar. Quando não era a imprensa falada ou escrita ou televisiva solicitando mais informações, eram pessoas da cidade e de lugares próximos relatando avistamentos – necessários pois, de um encontro pessoal com cada um a nós ligar. Agora isso, havia sempre as famosas periódicas de Claudel Covo, de São Paulo, a professor da Irmã Granchi, do Rio de Janeiro, o A. J. Gevers, editor da revista UFO, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e outros ufólogos.

Também nos ligou o Eduardo Bertoldo Praxedes, funcionário da Yolat Indústria e Comércio de Laticínios Ltda., Parmalat, indústria existente a cerca de quatro quilômetros da entrada de Variginha, num ponto bastante estratégico, porque possui uma extensa visão da estrada vindo no sentido Fries Corações-Variginha. Um declive longo e culminando bem a sintonia da indústria, onde há uma ponte sobre o rio Verde e as águas a mesma, a estrada faz uma curva aberta para começar a lida em direção a Variginha. Contou-nos que, no mês de janeiro, junto a outro companheiro de trabalho viram por diversas vezes um trânsito incomum de caminhões da ESA num constante vaivém para dentro e

fora de Variginha. Deu-nos ciência deste movimento na parte da manhã e à tarde, durante praticamente uma semana inteira!

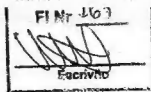
Para nós foi muito importante esse depoimento, porque o Eduardo teve a oportunidade não só de falar o comboio, mas o que lhes chamava mais a atenção era o ritmo razoavelmente acelerado com que os caminhões transitavam, inclusive, soldados armados com luzes em suas carrocerias cobertas de lonas – bem típico para transporte de tropa.

Estava-nos dando esta informação, porque era comum para ele avisar, de quando em vez, um ou outro caminhão da ESA passando pela estrada com destino a Variginha numa velocidade normal permitida a caminhões e na rotina de compras de produtos minerais e outros particulares, já que a cidade é bem mais desenvolvida que Fries Corações e muitas outras da região, por ser um pólo industrial marcante no Sul de Minas.

Mas um comboio? Com soldados armados? Num ir-e-vir a semana toda? Assim questionava o Eduardo, inclusive sobre o que poderia ter sido se não havia parada cívica, pois não era dia festivo de comemoração do aniversário da cidade – talvez não sim, porque poderia haver ensaios para o desfile de militares, colégios e escolas. Mas também não era nenhum evento presidencial ou dessa envergadura que necessitasse tanto ir-e-vir do comboio. Nem próximos estávamos do dia 7 de setembro. Então, o que estranhar muito, tendo o próprio funcionário nos inquirido se sabíamos de mais novidades além das que estavam sendo relatadas nos jornais e televisões.

Agradei o telefonema avisando-o de que, num momento adequado e dentro do nosso roteiro de entrevistas, iríamos contactá-lo para que nos mostrasse onde estava, a qualquer tempo de visita, apresentar – havendo possibilidade – o seu companheiro e, ainda, o testemunho de ambos mas desta vez gravado. Concordou, e o nosso encontro ocorreu dois dias depois, tendo em nossos arquivos mais estes depoimentos – por serem bastante contundentes.

**F**ezávamos mais para a metade do mês de abril e já havia um tumulto em nossas vidas. Em dormida, almoçava e jantava o incidente em Variginha. Além das costumeiras ligas telefônicas, uma senhora, de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, após nos ter avisado e por haver filmado um OVNI, queria que fizéssemos uma análise do vídeo. Era um objeto voador totalmente delimitado, formato discóide, todo iluminado. Mostramos ao Claudel Covo que, estudando o vídeo juntamente conosco, deu-o por verdadeiro ficando bastante impressionado.



Quando o Ubirajara contou-me que a professora Irene Granchi havia pedido a ele que fizesse uma palestra no Rio de Janeiro, informo-me ter-se comprometido com ela para um momento oportuno. Até então ela e eu não nos conhecíamos e não tínhamos sequer se conhecido nos meios acadêmicos e em jornais. Em instante algum a professora me citara. Comentei o quanto seria estranho eu ir junto, fazendo parte como palestrante. Disse-me ele da necessidade de contar com a minha ajuda, para que a palestra ficasse completa, porque nem tudo ele se lembraria. Fariamos um roteiro e dividiríamos as nossas falas, evitando o cansaço natural numa explanação ininterrupta de duas horas ou mais. Tornei a ponderar com ele sobre eu ficar no Sul de Minas enquanto estivesse fora. No entanto foi irrelevante.

A palestra seria no sábado e combinamos então sair de madrugada. Retornei a Três Corações para descansar um pouco, embora eu fosse deixar-me à fita, tendo de levantar-me às 3h, já que o Ubirajara pensava que eu não poderia dormir a noite inteira, com destino ao Rio de Janeiro passando por Cambuquira, Lambert, São Lourenço, Serra da Mantiqueira e a Via Dutra, onde peguei no volante até o ponto final em Copacabana, onde nos hospedamos.

Pelo fato de eu ter feito pós-graduação na Fundação Getúlio Vargas após debitar a Universidade Católica de Belo Horizonte, sabia muito bem como locomover-me no Rio de Janeiro. Como estava muito cansado, preferi dormir um pouco, dispensando o almoço, enquanto ele acabou melhor pegar um táxi e fazer um reconhecimento do local próximo à Faculdade Gama Filho, onde seria proferida a palestra marcada para as 18h00. Estive com a professora Irene Granchi e ambos conversaram um pouco no auditório.

De retorno ao hotel, encontrei-me descansado, trajando terno e gravata, pronto para irmos, aguardando apenas a chegada de uma pessoa pertencente ao grupo CISMV, que faria o nosso traslado até o local da palestra, no décimo oitavo andar de um edifício de onde se descobria um Rio de Janeiro sempre maravilhoso.



Professora Irene Granchi,  
primeira dama da  
Ufologia brasileira



Pesquisador  
Marco Antonio Petzl,  
conhecido ufólogo  
brasileiro

Finalmente fui apresentado à professora Irene Granchi, cujo tratamento à minha pessoa fora por demais formal. A todo instante chamava o Ubirajara para apresentá-lo a um ou a outro membro do Grupo, enquanto apresentava-me ao auditório, sentando-me numa das inúmeras cadeiras. Nesta hora vi chegar o Marco Antonio Petzl, pessoa conhecida na Ufologia brasileira devido a seus trabalhos em Colômbia. Não percebo veio a meu encontro, trazendo o seu ledo. Não houve tempo de nos apresentar. Chegou também o Luis Petry, editor do *Paraninfo*, querendo conversar conosco.

Com todos os presentes já instalados no auditório, a professora Irene foi ao palco para uma breve referência sobre o motivo de estarmos todos ali e, se sentindo honrada com a presença do Ubirajara, tecendo a ele elusivos elogios para, no final, mencionar meu nome dizendo que eu teria umas "coisinhas" a acrescentar.

Ubirajara iniciou sua fala fazendo uma série de explanações. Contou alguns episódios, ufológicos conhecidos mundialmente e outros pesquisados por ele no Sul de Minas, ilustrando sua fala com a projeção de slides. Finalmente, ao abordar o *incidente em Varginha*, o auditório se fez mais atento. Mencionou as meninas e a boataria acontecida até o momento em que chegou a ele, estando eu no Sul de Minas. A partir daí preferiu chamar-me para o palco, convidando-me a fazer uma referência em suas "coisinhas" a que a professora se referia. E passei a falar. Comecei, de forma objetiva e clara o *incidente em Varginha*. No entanto, à medida que ia falando, inclusive sobre os pormenores das nossas pesquisas, percebi na professora a mudança de expressão facial, antes muito séria, para a de surpresa, admiração e de redobrada atenção ao que eu dizia. No final, creio que havíamos levado a bom termo o nosso objetivo. A professora procurou-me para parabenizarme, confessando não saber o quanto era o meu envolvimento. E o frio coranto inicial transformou-se em calorosa afetividade.

Ao deixarmos o salão, fomos jantar. Indo também o Luis Petry, a psicóloga doutora Gilda Moura - que há de-

zesséis anos examinou o primeiro caso de abdução, quando o conatado sofria traumas e profundas sequelas. Autora de *UFO - Contato Alienígena*, Editora Ateneu, Petry expressa seu interesse de ir a Varginha para estar com as meninas e interiorizar-se melhor sobre o caso, e da possibilidade da ida do doutor John E. Mack. A professora Irene Granich nos convidou para tirarmos no dia seguinte a seu apartamento.

Pela manhã, o Marco Antonio Pett foi até o hotel, desejoso de uma conversa reservada conosco. E em se tratando da pessoa que é, acrescentando a longa amizade dele com o Ubrajara, embora estivesse conhecendo-o apenas a partir do dia anterior, acedi.

Resolvemos ir até o Shopping Rio-Sul para um passeio matinal, quando nos sentamos em um Café e expusemos a ele tudo que havíamos conseguido até então, nas nossas pesquisas. Ele se impressionou, porque alguns dados propostamente eu não havia mencionado na palestra, deitando-os para uma outra ocasião, em outro lugar.

Pett mostrou-se interessado em promover um evento ufológico no Rio de Janeiro, desejando contar com as nossas presenças. Posteriormente, o evento ocorreu, tendo comparecido o Ubrajara porque eu estava agendado com outros compromissos.

Em casa da professora Irene, pude admirar com entusiasmo o grande acervo da renomada pesquisadora. Assisti a alguns filmes, vi fotografias e calçadas.

É um acervo que também como o do CICOAN necessita de ser informatizado dada a enorme quantidade de preciosidades ufológicas. Roguei à artista Plástica Francisca Granich, sua filha, que assumisse essa incumbência. Tanto o CICO quanto o CICOAN deveriam ser patrimônio aberto aos milhares de interessados em Ufologia.

Foi por demais proveitoso o nosso encontro. Às 14h, resolvemos tomar rumo de casa. O Pett foi conosco até um ponto da cidade, onde desceu. E, como na vinda, enquanto estávamos na Via Dutra, fui dirigindo. Quando cheguei à casa de minha mãe, era noite.

Como os depoimentos daqueles dois militares que me contaram sobre o comboio não foram gravados, comeci a trabalhar no sentido de conseguir pelo menos a entrevista deles com o Ubrajara. Avisei ao Cláudio Covo e ao Luis Petry. A ele, Cláudio, sempre atento aos acontecimentos, expus mais algumas particularidades, alegando o quanto seria bom se ele estivesse em Varginha para um contato pessoal.

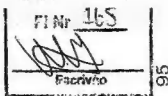
Dois dias depois consegui, após uma demorada conversa, que os militares conhecessem estas pessoas e contassem a elas tudo o que sabiam. Fiz-lhes uma preleção sobre cada um, terminando, como de costume, relembrando a ambos a total e absoluta segurança do anonimato.

No final de semana, Petry e Cláudio foram a Varginha. Somente um militar pôde ir comigo, porque o outro estava de serviço no quartel. Viajamos de madrugada, com ele sentado no banco de trás do carro, para se esconder caso fosse necessário.

E no auditório anexo à casa do Ubrajara finalmente todos puderam ouvir, assombrados, os pormenores da operação-retrada da *criatura* do Hospital Humano, os nomes dos soldados e oficiais envolvidos. Extremamente impressionado, Petry saiu do auditório para colocar no *Fonistado*. Disse não haver condições porque o militar era da área de segurança da cadeia e outros inúmeros aborrecimentos. Sugeri que fosse usado o nome de um do segundo programa, quando a outra testemunha teve a imagem protegida e a voz eletronicamente distorcida.

Todos fizeram perguntas cujas respostas foram absolutamente a contento.

Terminado o encontro, retornei a Tv's Corações, com o militar no banco de trás, deixando-o em local próximo a sua residência - com recibo de sermos vistos juntos àquelas horas de frente à casa dele.



Thieshard de Chardin

Pois esta pessoa contou-nos um churrasco entre amigos, um elemento que trabalha para a Polícia Militar de Votuporanga, e a confidência sobre a veracidade do que os ufólogos — referindo-se principalmente a Ufologia — julgava a mim — estavam conseguindo apurar: *a criatura* realmente esteve dentro do cockpit da PM após ter sido capturada, viveu na noite do mesmo dia 20. Sem dúvida, a resistência à captura, e como eles não sabiam o que fazer com ela, um dos militares — dentro do veículo seguiu o nome de um médico, seu conhecido, alegando que poderia vê-la e ajudá-los com o que fazer com ela. Decerto, uma injunção mé-

Contou-nos ter uma informação que, a bem da verdade, durante uma semana inteira, fê-lo refletir se deveria ou não torná-la pública, recesso do fato de ele e a família virem a ser ridicularizados. Mas, incomodados que estavam, decidiram de comum acordo entre os familiares, nos narrar o acontecido com a esposa, dona Terezinha Clepf, 67 anos.



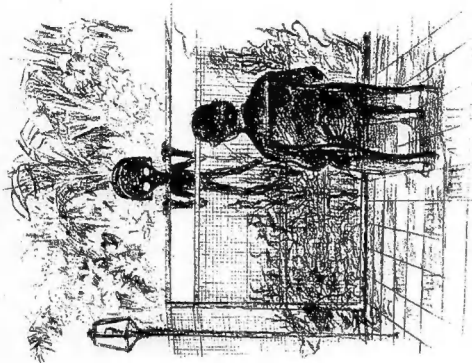
Dona Terezinha Clepi

Fomos à casa delas e ela nos disse que no dia 21 de abril, domingo, às 21h, estivera com o marido em uma festa de confraternização no restaurante rústico localizado dentro do Jardim Zoológico de Varginha. Restaurante simples porém muito requisitado para estes tipos de eventos, dada a beleza do lugar.

Eram aproximadamente 21h. Ela havia jantado, tomado um café e o colôquio se afastou-se da mesa, pois o marido e os outros convidados estavam conversando e nenhum deles parecia querer sair da mesa, dirigindo-se até o avarandado um tanto escuro devido as grandes árvores e por não estarem ligados os holofotes externos daquele setor e nem as luzes da varanda (quando soubemos, mais tarde, pela direção do Zoológico estarem com déficit).

Dona Terezinha sentou-se numa cadeira, acendeu o cigarro e deitou a cabeça para trás, numa distância de cinco metros de onde estava, a presença de uma *criatura* melílica. Confeccionou seu medo momentâneo devido ao susto e por julgar ser, à princípio, um animal solto, embora jamais tivesse visto algo semelhante. Não conseguia divisar direito o que era porque a luz existente vinha do restaurante. Tinha dois olhos grandes, vermelhos, arregalados, sem pupilas e luminosos, olhando fixamente para ela. O nariz quase nenhum e a boca à semelhança de um pequeno raso horizontal. Percebeu que a pele era marrom escura, oleosa. Havia sobre a cabeça uma aparência de um capacete ou touca dourada. Ambos se olharam por aproximadamente sete minutos em silêncio. A *criatura* não se mexia, embora de alguma forma abrisse e fechasse aqueles olhos enquanto continuava olhando-a.

Dona Terezinha diz que os olhos se assemelhavam a "*fardeles* traseiros de carro *freado*". Acometida de enorme medo, preferiu erguer-se lentamente da cadeira e retornar para dentro do restaurante. Ainda na porta voltou a olhar para fora, continuando a avistar a *criatura* ainda inerte, no mesmo local e a fitá-la fixamente como antes. Amedrontada, juntou-se aos demais, preferindo nada comentar a respeito com receio de algum pânico vindo de



Simulação do momento em que dona Terezinha Clepi vê a criatura na varanda do restaurante



outras pessoas ou de causar algum transtorno, ou tornar-se vítima de algum espírituoso ali presente. Procurou o marido, chamando-o para ir embora. Quando entraram no carro é que se dispôs a comentar o ocorrido, demonstrando muito nervosismo naquele momento.

Conversávamos a respeito quando o doutor Marcos, ao comentar as notícias que saíram nos jornais e na televisão, lembrou ter cruzado com um comboio do Exército na estrada, ao ir buscar a filha no Country Clube de Varginha, situado a quatro quilômetros da saída de cidade, cuja entrada é justamente defronte da Parmalat. Isto no dia 22 de janeiro, numa segunda-feira!

Ainda no final do mês de abril, uma série de avisamentos ocorreu no Sul de Minas. Dentre os de que tomamos conhecimento, o mais importante foi o acontecido sobre a Indústria Standard - multinacional recentemente instalada em Varginha - onde mais de trinta pessoas, entre operários, pessoal do setor administrativo e executivo, deixaram o trabalho e foram para o pátio testemunhar a ocorrência.

Eram 11h, o céu azulado de outono, sem nenhuma nuvem, quando um objeto discóide, raso, achatado, com bordas arredondadas e pontas muito afiadas, vindo do horizonte, pairou acima da indústria. Ao mesmo tempo, outro objeto idêntico ao primeiro veio de outra direção, pairando abaixo deste. Foram-se aproximando lentamente e, como num engate, saíram em alta velocidade sumindo no horizonte.

Um dentista de Três Corações, solicitando a cobertura de seu nome, recuso do alvo de gravação, contou-nos ter saído de Varginha rumando para Três Corações, há 80 quilômetros, quando, a 8 quilômetros existente no trevo da rodovia "Ferreira Dias", isto, por não querer atravessar todo o distrito industrial de Três Corações, sendo que esta estrada vicinal o deixaria antes, no bairro Cotia, onde tem seu consultório.

Era em torno das 20h quando, subitamente, seu automóvel começou a falhar. Pensou na estranheza do fato por ser um carro novo, recém-aquisido. De repente avistou, na lateral esquerda, parte de um objeto enorme, com algumas centenas de metros de comprimento, e, logo depois, viu um carro de uma proximidade assustadora, fazendo-o temer um colisão e correu para o acostamento, com um desastre. Havia umas arestas onde diversas luzes amarelas e vermelhas piscavam, projetando completa luminosidade ao objeto.

Disse-nos que, nesse momento, entrou em pânico. As pernas tremiam, as mãos no volante ficaram paralisadas e o motor perdia a força, mesmo ele tentando acelerar. Olhava para o objeto e ele ali, enorme. O medo tomava-lhe o corpo rígido. Quando conseguiu sair do carro, correu para o acostamento e o carro foi perdido, deslizado. A partir desse momento fechou os olhos e não pôde mais abrir os olhos, embora percebendo o piscar das luzes. Silêncio absoluto por um tempo curto até

Em casa, naquela noite, não conseguia conciliar o sono. A imagem daquela *criatura* a aturda, persistindo em minha memória. E nos dias subsequentes um meio interior, inconsciente, lembrava-me da *criatura* que há dois meses fora vista pelas mentes que se preocupam com a credibilidade, e comentou com os familiares. Até que, finalmente, eu não posso mais narrar o fato, acreditando que, de alguma forma, poderia e até fui em nossas pesquisas, porque até então vinha acompanhando pelos jornais e televisão o nosso envolvimento.

Após terminar seu relato pedimos a ela, ao senhor Marcos e aos filhos se poderíamos divulgar para a imprensa com o idêntico que estávamos diante de um testemunho feito por uma senhora forte e consciente de seu papel na sociedade. "Tal depoimento teria uma importância fora de credibilidade para quem escutasse a sua história. E que tal avistamento e o avistamento, cinco dias mais saudáveis até apenas. Concordaram em silencio e o assunto veio a público, com a dona Teresinha sendo associada pela imprensa nas semanas e meses subsequentes.

Após a imprensa divulgar o depoimento da dona Teresinha Clepf, quem entrou em contato conosco foi a doutora Lella Cabral, diretora há muitos anos do Zoológico. Reportou-nos que uma semana antes do dia 21, ou seja, na semana anterior em que dona Teresinha tivera o avistamento, cinco dias mais saudáveis até então vieram a falecer de maneira inexplicada e misteriosa. Uma anã, dois veados, uma arara azul e uma jaguatirica.

Ao fazerem a autópsia da anã, que a doutora Lella carinhosamente apelidara de Barzeco, por ser saudável e brincalhona, o laudo identificou morte por "substância tóxica não identificada". Nos veados, "intoxicação crônica sem causa aparente". Nos outros três, "nada que justificasse a morte".

Surpresa maior tanto para a doutora Lella como para o médico-veterinário Marcos de Araújo Curvalho Mina: os animais morreram de forma abrupta e inesperada. O Zoológico é muito bem cuidado, as águas são tratadas e os alimentos selecionados. Somos testemunhas do zelo existente ali. Mesmo assim, houve um produto tóxico, seria de detectado nos exames das vísceras dos animais. Porém, ao aparecer "substância tóxica desconhecida" e nos outros animais nenhuma *definição*, alguma coisa ou algo inexplicado realmente havia acontecido!

Pelo fato de dona Teresinha Clepf haver-se prestado a um testemunho público, a doutora Lella associou os fatos pois tudo aconteceu na semana anterior ao avistamento desta *criatura*. Ela, no entanto, de capacete dourado na cabeça, seria da "família" das outras? Ou será que o Sul de Minas tenha-se tornado um local ideal para a observação de seres cada vez mais estranhos? Por alguma razão estavam ali. Mas fazendo o quê? E quem eram?





que, num repente, o motor voltou a funcionar com o objeto se distanciando. Acelerou o que pôde e, alucinado, partiu em direção ao seu destino numa velocidade que ele mesmo jamais alcançara.

Porque o conheço desde o meu tempo de criança, e também a família dele, não detectei mentira naquele testemunho, conhecendo sua honradez e honestidade. Aconteceu e pronto. Mas confesso jamais esquecer aqueles momentos em toda a sua vida.

No dia 30 de abril fui entrevistado, por telefone, pela revista *Vêja*, juntamente com o Ubrajara, no escritório dele, o qual se tornou o nosso *quartel-general*. Poderíamos nos poderíamos colocá-los em contato com as meninas. Prontoquei-me a fazer isso no dia seguinte, quarta-feira, 1º de maio, feriado.

Combinamos que Kátia, Liliâne e Valquíria falariam com eles para que pudessem ter seus depoimentos gravados, ainda que estivessemos programados em fazer pequena viagem no intuito de confirmar algumas informações em cidades perifericas. Mas tendo o Ubrajara se ausentando por razões particulares, coube a mim esta incumbência.

Sai de Três Corações bem cedo no feriado, indo a Varginha - como habitualmente estava fazendo por dois meses - com o único propósito de encontrar-me com as meninas. Passaria na casa de Liliâne e Valquíria. Depois, com elas, iríamos até a de Kátia, seguindo para o posto telefônico, de onde faríamos a ligação para a revista.

Pelo menos duas vezes por semana encontrávamos com as meninas, na intenção de informá-las sobre alguém que estava para chegar, no intuito de avisar-se com elas, marcando dia, horário e local da entrevista e também pelo fato de nos havermos tornado amigos. Como desta vez não tínhamos nada programado, preferi ir bem cedo, desejo de vê-las ainda em casa, pois poderiam sair a passeio, aproveitando o dia de folga.

Ao chegar, dona Luísa veio contar-me a estranha ocorrência na noite do dia 29 de abril, às 22h30, quando quatro homens trajando ternos escuros, dois morenos, apresentando a idade de quarenta anos, um claro e outro alourado - que no dizer dela "nerhum, com certeza, parecia ser de Varginha pelo jeito de conversar, mas trinta dois com sotaque do Sul de Minas" - descendo de um carro de cor preta estacionado próximo à casa dela, quando ela e as meninas se preparavam para dormir.

Ao baterem palmas do portão, dona Luísa não se incomodou com o horário, porque a filha mais velha, Julianna, estava na escola e o marido trabalhando

na empresa de ônibus onde é cobrador. Valquíria foi atender, anunciando a ela a presença dos homens. "Pensei que pudesse ser o Ubrajara com repórteres, ou coisa desse tipo. Enquanto fui ao quarto pra trocar de roupa, os homens foram entrando" - descendo o pequeno passageiro que vai até o final do lote onde está a casa - tipo barracão - construída nos fundos do terreno e em declive com o nível da rua.

Embora bem vestidos, quem seriam eles, se não se identificaram?

"Falararam que queriam 'bater um papo' comigo e com as meninas sobre o ET que elas viram. Contaram que cada uma estava na hora em que podiam estar ali. E pediram pra trancar o portão porque o assunto era sério e que a gente não podia receber ninguém de visita naquele momento. Quando eu fui até os seus nomes, falararam que os nomes deles não eram de meu interesse. Um deles pediu pra eu fizesse as meninas o que de fato elas tinham avisado. E, à medida que respondiam, um deles fazia anotações num caderno pequeno. Os outros dois permaneceram calados o tempo todo. Que tipos de sonhos tinham para a vida futura? Quanto ganhava como empregada doméstica? E o salário do marido era um tanto bom pra gente viver em paz? E o que é que a gente precisava pra superar a nossa vida humilde?"

Com respostas simples, diretas, objetivas, dona Luísa estava temerosa e com enorme receio de alongar a conversa. Foi quando um deles alegou que cobririam com muito "mas muito dinheiro mesmo, o sonho da família". Mas as meninas, ela e o marido teriam de sair de Varginha. Iriam com eles, numa data previamente estabelecida, se deslocar para uma outra cidade onde as meninas gravariam um depoimento negando toda a história. Ou seja, as meninas teriam que desmentir o que viram, alegando ter sido a criação uma brincadeira que elas inventaram e, por terem ido longe demais, era chegada a hora de negar toda aquela história. Então, assim, elas seriam pagas com muito dinheiro! Um "muito" não especificado, mas segundo eles, dinheiro de sobra para realizar o sonho da casa própria e diversos outros.

"Afirmaram que seriam a minha de ouro e que eu e minhas filhas jamais pensamos em ter".

A medida que dona Luísa narrava a mim o ocorrido, sentia o temor em seus olhos. De tão preocupada, contou-me que não dizia nem sim nem não. Sem telefone e meios aquela hora de entrar em contato com o Ubrajara ou comigo, preferiu manter-se na defensiva. "Quando perguntei se o Ubrajara é que tinha mandado eles pra cá, falararam que não tinham nada com o Ubrajara, e pra gente esquecer ele. E que na hora das meninas desmentir tudo, também não ia ser nas TVs 'mixturecas' daqui de Varginha".

Como a conversa estendeu-se até um pouco antes da meia-noite, ofereceu um cafézin aos quatro homens. De tão amedrontada, detou as mãos uma face



de cozinha quando foi buscar a garrafa de café, mesmo percebendo que os homens não eram pessoas maleáveis mas, por intuição, compreendia que o silêncio das meninas, o desmentir da história, a mudança da cidade, o realizar dos sonhos da família – tudo aquilo estava ficando muito estranho

Estranho suborno, sim! E dos grandes, partindo de quatro homens que em momento algum se identificaram. Disse à dona Luísa, que este fato deveria ir para imprensa. Ela, no entanto, argumentou estar com muito medo "porque eles prometram voltar pra saber a resposta, e por eu ter certeza de que não tinha um desmentir tudo, como eu ta ter certeza de que não tinha". Foi quando um deles falou que se eu tivesse medo de pagar nenhuma dízima, bastasse eu dar um documento pra eles abrirem uma cadeia de punição pra mim".

Lilliane e Valquíria aguardavam-me para irmos ao encontro de Kátia. E elas, as três, falariam com o repórter da revista VEJA, do posto telefônico. Mas era preciso que dona Luísa terminasse de contar. — Perguntei se eles não tinham um número de telefone pra me dar, pois eu ia pensar no assunto. Disseram que não, que iam voltar.\*

Torrei a dar ênfase à necessidade de anunciar o fato à imprensa, sabendo, pois, que a imprensa não estava interessada em saber nada sobre o assunto. Assim, ela e as meninas estariam sendo vigiadas pela própria vizinhança. Inclusive quando (e se), na calada da noite, novamente surgissem os porta-vozes de quaisquer autoridades querendo tapar o sol com a peneira... para não dizer os narizes dos outros, na intenção de não sentirem a calunga do suborno, pior que o mau cheiro emanado do amontoado da criatura.

Diríamos melhor, parafraseando o grande brasileiro Aparício Torelli Barão de Itararé -, quando se referia à existência de alguma coisa no ar... além dos aviões de carreira... se o certo, mesmo, fosse agora dizer sobre alguma coisa no ar... além dos Obicetos Voadores Não Identificados!..

A equipe dos humoristas do *Casaca* e *Planeta* entrou em contato conosco explicando o desejo de fazer um programa sobre o "70º da Vida", o sustento que as meninas, Uirapuru e a apátrida, têm para sobreviver. Foi assim que conhecemos as meninas e a apátrida, e fomos conhecendo a história de cada uma delas. Foi assim que conhecemos a história de cada uma delas. Foi assim que conhecemos a história de cada uma delas.

projetando para todo o Brasil as imagens das meninas e as noivas, numa inversão dos valores não proposital, certamente porque a equipe é talentosa, divertida, com um humor diferente e atual. A nossa preocupação se prendia à enorme platéia televisiva que, ao achar graça do "Et" sendo entrevistado, passando na rua, comandando cerveja em boteco; tais quadros não seriam apreciados e compreendidos pelas pessoas como uma distração sobre um tema sério. Pelo contrário, estaria criando mais um novo argumento para os descrentes somarem aos seus motivos "a certeza" de que não passavam mesmo de grande balela as *críticas* do espaço e seus objetos, quadros e, por extensão, aos ufólogos, constantemente rotulados como patéticos e lunáticos.

A resposta de Ubrajara foi tangencial, ou seja, evitando a negativa pura e simples, invocou a necessidade de primeiro conversar com as meninas, alegando que elas teriam elas telefone em casa e porque somente elas poderiam decidir. Do outro lado da linha havia relutância, mas Ubrajara teve a devida postura em sustentar suas dificuldades inerentes ao encontro, deixando as meninas e dona Luísa decidirem por si próprias.

Terminada a ligação fomos até a casa delas para uma conversa, explicou a equipe do *Casseta & Planeta* chegaria a Varginha numa quinta-feira, 2 de maio. Indo embora no sábado, dia 4. Lembremos o quanto estariam prejudicadas as condições de vida da população local. Não havia nem sequer um estabelecimento de recreio. Concordaram conosco sabendo que a chegada da equipe certamente afetaria a cobertura da *Globo* e que iriam à casa delas. Que transcorreu o período de hospedagem não sei dizer. Damos as recomendações necessárias e ficamos ao aguardar. Chegou a equipe, e impressionou-nos sobremaneira o comportamento do pessoal da *Globo* de Varginha - que até então vinha adotando uma certa perca, mesmo sem nos procurar para obter novas informações e levá-las ao ar. No entanto, mesmo explicando a eles o ruim que seria para as meninas, de nada adiantou, pois estavam aplaudindo a equipe do *Casseta & Planeta* devido ao "trator sussurro" na divulgação da cidade. Chegaram a oferecer dinheiro às meninas, que não coderam, atendendo nossas solicitações.

Naquela manhã em que elas deram a entrevista por telefone à revista *Veja*, eu estava preocupadíssimo. Consegui um sítio de um conhecido meu e me preparei para levá-las, com bagagens e mantimentos, ali ficando por dois ou três dias. Quanto a dona Luísa não havia problema. Trabalhando o dia todo como empregada doméstica, sabia-se comportar e alistar-se de situações constrangedoras.

Antes de seguirmos viagem para o defronte à Globo de Varginha e, sem descer do carro, pedi ao porteiro que chamasse a Janete, editora-chefe. Não tardou e ela apareceu olhando assustada para as meninas, as bagagens e as sacolas de feiras.

— Estou passando por aqui na intenção de noticiar a você que lamenta-  
mos muito, se foram explicadas as razões de não usarem as meninas para o joooso.  
E furem nos deu crédito. Agora, estão retratando-as da cidade.

Janete ficou desapontada.

— Olha, Pacacini, entendi perfeitamente e espero que você não fique  
magado. Sabe que trabalho para a empresa e *Casseta & Planeta* tem muita  
audiência. Você me desculpe, mas não tenho controle sobre isso. E quanto a quem  
procurou as meninas para oferecer dinheiro eu não tive como evitar.

Agradeço. Pela cidade havia cartazes e faixas pregados e dependurados  
nos postes: *'A Prefeitura de Varginha parabeniza a equipe de Casseta & Planeta que  
vem aqui nessa cidade cômica...'* — *'O ET de Varginha abre os braços para a turma  
da Casseta & Planeta'*. Mais e muitas alusões ao ET caricaturado saudando a  
equipe!

Quando chegaram, a cidade quase parou. No praça, junto a um pelanque  
armado, desceram dos carros a trilha dos equipamentos. Até o prefeito Aloysio  
Ribeiro de Almeida estava presente. E começaram o trabalho. Alguém um passageiro;  
perguntam alguma coisa a alguém; ■ terceiro: o que acha disso ou daquilo? E  
seguintes adiante.

Quando o programa foi ao ar no dia 7, fui assistir ■ ele na casa do par-  
ceiro, porque a Globo local queria colar a nossa opinião. Tudo terminado, disse  
que o país é democrático, o humor é saudável, que aquele programa, em hipótese  
alguma, afetou as investigações em que estávamos trabalhando — porque, também,  
em nada contribuímos para esse programa. Normalmente não assisto ■ esse e  
outros programas de humor na televisão, porque todos são chocantes, fúteis e  
fracos na sua essência. Quem pode lembrar-se um pouco dos programas de rádio  
que já ouviram ■ alguns outros na televisão de bons anos passados, sabe o que  
digo. Mas não deixou de ser interessante para o povo de Varginha se a cidade  
estava sendo falada e mostrada para todo o Brasil através de um programa de  
humor — embora fraco — mas mil vezes preferível a abordar grande tragédia ou  
assalto mirabolante, ou surpreendente crime passionai bem a gosto ■ na pauta do  
diário jornalístico e televisivo. Ainda bem. Varginha continuou depois do gracejo  
a ser uma cidade pacata e agradável. Teve o seu momento de descontração e  
prossseguiu no cotidiano de cidade grande, boa, pacífica e interiorana.

As meninas retornaram para casa e nossa rotina prosseguiu sem mais  
atropelos dessa natureza.

U ■ outro militar veio nos contar como procederam os caminhões no  
pátio do Hospital Humanitas, quando da retirada da *criatura* para o transporte  
para a ESA. Como há tempos estava temeroso, somente naquele dia concordou,  
crendo na importância de seu papel de depoimento. E, embora o que nos disse fosse repellido  
as iguais informações já por mim obtidas, assim mesmo — ao deixar gravado o seu  
depoimento —, era mais um militar entrando para os nossos arquivos e a acentuar  
ainda mais ■ verdade dos fatos.

Acreditando haver uma quantidade grande de informações ainda não  
noticiadas, marcamos para o dia 4 de maio, sábado, uma segunda reunião com os  
maiores ufólogos brasileiros — que se prontificaram a tomar conhecimento das  
ocorrências.

Essa reunião entrou para a história da Ufologia no Brasil quando, pela  
primeira vez, em torno de um assunto — referente ao avistamento da *criatura*  
pelas meninas e o desdobramento dos fatos — houve a possibilidade de recapitular  
com eles o já veiculada na imprensa, aceso de dados muito mais contundentes  
e impossíveis de ser ao menos contestados.

Na quinta-feira, 2 de maio, o Luis Petry chegou para a reunião com os  
ufólogos desafiado. Petry, sábado, dia 4. Contamos ■ ele tudo o que havíamos  
apurado desde o primeiro encontro, e ficou surpreso com as novidades, além  
de preocupado ao mesmo tempo pela impossibilidade de colocarmos todas essas  
informações na frente das câmeras.

Na sexta-feira saímos os três, ele, Ubirajara e eu, na própria viatura da  
Rede Globo. Notamos vários pontos de Varginha ■ seguimos para Campanha, depois  
Allenas. Retornamos para almoçar. Não eram 14h, quando o Cláudio Covo veio  
juntar-se nos chegando de São Paulo para ■ reunião.

Meu desejo maior era que tanto o Petry quanto o Cláudio pudessem  
conversar com a autoridade judicial que nos confirmara a captura de uma das  
*criaturas* pela Polícia Militar de Varginha. E mesmo sendo ela difícil de ser encon-  
trada, dada ■ diversidade de seus horários de trabalho, demos sorte por conseguirmos  
localizá-la num edifício público do Estado. Fomos até lá na maior discreção  
possível, ■ enquanto não nos atendi, uma advogada — amiga de Ubirajara — en-  
trevistamos com ele casualmente, noticiando-lhe que ■ sua empregada tem uma  
filha seduzida em suas relações, num bairro de periferia, e que um militar da ESA,  
em uma festinha muito discreta havia confirmado como verdadeira a captura da  
*criatura*, embora a notícia fosse sigilosa.

Perguntamos a advogada se poderíamos falar com a empregada, mãe da  
moça. Incontinenti ela ligou para casa e chamou-a. Conversou com ela em nossa





# Capítulo

# 10

Se gostares de ouvir,  
aprenderás;  
se deres ouvido,  
serás sábio.

Reclamação, 6-33

**D**urante o dia fui chegando o pessoal da Imprensa: as Irmãs CNT (do Paraná), as repórteres da SPRT e da Globo (de Varginha), a própria *Globo do Rio de Janeiro*, jornais *Estado de Minas*, *Diário da Manhã*, *Diário da Tarde*, *Correio do Sul* e *Rádio Vanguarda*, ambos de Varginha, e os Rádio FMs do Sul de Minas. Enorme quantidade de profissionais e ufólogos se achegando ao auditório que, antes era pequeno, menor se tornara naquele dia.

Pela primeira vez, em frente das câmeras e dos microfones, fomos relatando com vagareza de pormenores a sequência por nós pesquisada.

Citamos o nome de dona Terezinha Clepf por autorização dela e dos familiares. Mencionamos o caso das duas senhoras indo de carro para São Gonçalo do Sapucaí e que foram seguidas por um objeto voador. O dentista, que teve seu carro seguido por um objeto voador luminoso quando ia para o consultório em Três Corações, numa estrada vicinal, a tendo problemas com o carro. Por sinal achava-se presente no auditório. Não autorizou que seu nome fosse mencionado, c

nem que a sua imagem fosse gravada, a não ser que tivessem - rosto e voz - distorcidos eletronicamente. Mas, com fidelidade, narrou o que lhe ocorreu, descrevendo o objeto e comentando seu pânico. Também citamos a morte dos animais no zoológico, com o depoimento da doutora Lella Cabral e do doutor Marcos.

Uns dos militares com quem estive conversando em casa de minha mãe, sabendo da retirada da *criatura* do Hospital Humanitas - cuja fala não pude gravar no momento, até então não havia conseguido que ele depusesse, embora eu lhe dissera nas vezes em que nos víamos sobre a importância da mesma, alegando que a gravação seria uma segurança para ele próprio, no caso de vir acontecer algo que o prejudicasse: alguma penalidade no quartel, ou na Justiça, ou até seu desaparecimento de uma hora para outra. Assim, ele gravando tudo o que me contaria, teríamos como provar o episdio e culpáramos quem ou aquele promotor da acusação. Repetia isso para ele todas as vezes que nos encontramos. Da última, na sexta-feira, ao nos vermos casualmente, contei da reunião que aconteceria no dia seguinte, na parte da tarde, com a presença dos maiores ufólogos nacionais, além da imprensa.

No meio da reunião, excitadamente quando Ubirajara e eu explanávamos como estávamos procedendo em algumas situações amparadas nas nossas pesquisas, Angélica, nossa fiel escudeira, surgiu no auditório dando sinal para mim que alguém ao telefone precisava falar comigo. Discretamente afastei-me ante alguns olhares desconfortados e fui atender, deixando que Ubirajara prosseguisse sozinho. Era o militar se pronunciando a gravar. Estava no trevo de Três Corações e sugeri



Na reunião histórica do dia 04 de maio, momento em que o pesquisador Vitorio Paesecini anuncia os nomes dos militares



em que o militar teve sua aparência eletronicamente alterada

Terminada ■ gravação levamos ■ militar para ■ rodoviária, com ele ■ nos dizer de outro companheiro seu. Também da ESA, disposto ■ nos revelar lances do caso. Apenas tomaria coragem e, sem pressa, entraria em contato

[illegible]

Detalhe dos repórteres e câmeras ■ cobertura da reunião

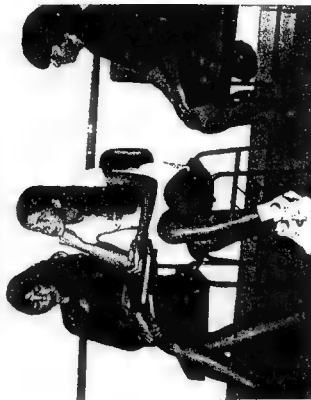
Lembrei-me dos meus tantos anos envolvidos na pesquisa, ufológica das Vagens e, como, nos últimos anos em que estive atento à prescrição, a qualidade da escrutínio na perspectiva de algum fenômeno que pudesse acontecer ou não; das entrevistas frustradas e das que foram positivas; das gravações fêlitas com inúmeros depoimentos de testemunhas; das fotografias tiradas; dos relatórios preenchidos para o CIOXAV e que iam diretamente para o arquivo e tornando-se parte de uma coleção de arquivos que iam sendo atualizados e atualizados; e, ao mesmo tempo, companheira e participativa.



### Alguns dos ufólogos presentes à reunião

No momento em que o Ubrajara falava à platéia, ali estavam também todos comentários alusivos à *cridatura*, fui a casa de dona Luisa para buscar a mãe e a irmãzinha. A primeira se retirou do auditório, vindo nos receber num tumulto indescritível. Camarás ligadas, repórteres fazendo perguntas e eu tentando protegê-las. Embora eu procurasse explicar a eles que o entrevista seria no auditório, falando assim houve alguns repórteres a discutir comigo o quanto eu estava atrapalhando. Não deu caso e fui conduzindo dona Luisa e as meninas.

— Gente, elas vieram aqui para falar com vocês! Lá dentro é melhor!  
A custo concordaram e nos seguiram.



Liliane, Valquíria e dona Luísa explicando a tentativa de suborno

Dona Luisa descreveu a visita dos quatro homens à sua casa. Disse do suborno e do quanto ela não iria curvar-se àquela vergonha. E as meninas - mais uma vez - voltaram a repetir tudo o que viram, acrescentando comentários sobre críticas, ironias e as afrontas de que estavam sendo vítimas por parte de muitas pessoas da cidade, ansiosas por macular uma verdade insofritável.

Após finalizar as entrevistas e depoimentos, os ufólogos presentes achiaram por bem e oportuno a divulgação de um manifesto - o primeiro e único da Ufologia brasileira - em que tornava histórico o apoio de vários Grupos de pesquisadores. Saíram eles de seus casulos, espontaneamente, para abrir as asas na intenção de que a Ufologia voasse alto no sentido de dar compreensão àquelas muitas pessoas ainda hoje acreditando em farsa, mentira, fantasia de grupo carnavalesco... e a outras mais, julgando apenas ser necessidade de alguns querendo enganar a si e a outros. Mas, temos certeza, milhões de brasileiros acreditando - como nunca divididos - que o que aconteceu em Varginha, por seu medievalismo e veracidade, era sério demais para bastar-se em apenas notícias de jornais e luzes de TVs.

## MANIFESTO DOS UFÓLOGOS BRASILEIROS



Claudemir Covo lendo o Manifesto

Os ufólogos brasileiros, abaixo representados pelos reconhecidos grupos de pesquisa a que pertencem, tiveram de três meses de intensas investigações, bem como comparações de informações de diversos países, para chegar ao que ocorreu em Varginha, Minas Gerais, nos dias 20 e 21 de janeiro de 1956, uma verdadeira e complexa operação envolvendo milhares militares e profissionais civis, que resultou na captura de *criaturas* não classificadas biologicamente, paracientificamente, chamadas de *EBEs* (*Entidades Biológicas Extraterrestres*), as quais foram mantidas sob observação médica e posteriormente retiradas da cidade.

Este é um fato único no Brasil, cuja confirmação pode trazer inavaliáveis e inmensuráveis conhecimentos científicos, quão positivos impactos de ordem filosófica e cultural de proporções gigantescas. No entanto, é consenso entre os ufólogos de todo o planeta que existe claramente um processo mundial de acobertamento e desinformação de fatos desse tipo, sendo conhecidas as evidências incontestáveis de tal procedimento, cujas razões são numerosas e óbvias. A Ufologia e estudos afins vêm lutando há mais de cinquenta anos para que a informação real e o reconhecimento público de tais eventos aconteçam, pois a verdade é uma das principais metas de toda a Humanidade.

Se a informação direta ou indireta dos acontecimentos de Varginha, que vêm agora repercutindo praticamente em todo o mundo, por fatores de procura para ajudar ao esclarecimento definitivo deles, que significam uma aquisição científica e marcante na História. O sigilo absoluto será mantido, em conjunto com pesquisadores, colaboradores e membros da imprensa, que se encontram unidos e buscando o momento certo para a revelação de tudo, de forma sóbria e convincente.

Nossos telefones de contato serão fornecidos através do número (035) 222-1020, em Varginha - MG.

A. J. Gevaerd  
Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)  
Campo Grande - MS

Claudemir Covo  
Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais (INIPA)  
São Paulo / SP

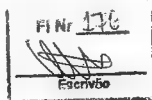
Edison Boaventura Junior e Jamil Vile Nova  
Grupo Ufológico do Guarujá (GUC)  
Guarujá / SP

Irene Granchi  
Centro de Investigação sobre a Natureza dos Extraterrestres (CISNE)  
Rio de Janeiro / RJ

Marco Antonio Petit de Castro  
Associação Fluminense de Pesquisas Ufológicas (AFPU)  
Niterói / RJ

Marco Antônio Rodrigues Silva  
Grupo de Estudos de Objetos Não Identificados (GEONI)  
São Paulo / SP

Oswaldo e Eduardo Mondini  
Centro de Estudos e Pesquisas Exológicas (CEPEX)  
Sumaré / SP





Rafael Cury  
Associação Nacional dos Ufólogos do Brasil (ANUB)  
Núcleo de Pesquisas Ufológicas (NPU)  
Curitiba / PR

Ubirajara Franco Rodrigues  
Varginha / MG

Vivério Pirescini  
Centro de Investigação Civil de Objetos Não Identificados (CICOVAN) (\*)  
Belo Horizonte / MG

A noite retornel ■ Três Corações num cansaço indescritível, mesmo sabendo que no dia seguinte, domingo, teria de estar novamente com o Ubirajara e o Petry, porque este estaria retornando ao Rio de Janeiro levando bastante matéria para preparar com calma, durante ■ semana, o programa *Fantástico*, que iria ao ar no dia 12 de maio.

No início da semana fui procurado pelo outro militar da ESA que havia sido mencionado pelo seu compartimento militar, também da ESA, e cujo Marco Antônio Petit e eu havíamos gravado no momento em que estava havendo a reunião com os ufólogos. Marcamos um encontro em local secreto e, a noite, levei-o de carro para Varginha, quando tive a oportunidade de apresentá-lo ao Ubirajara e à Angélica. Mas o Ubirajara teve de ausentar-se porque estava no horário de dar aula na Faculdade de Administração de Varginha onde, como professor, tinha este compromisso algumas noites da semana.

Fui com ele para o escritório dentro de casa. Ali procedemos à gravação, quando ele, além de complementar o já mencionado pelo outro colega de farda, relatou que o comando da operação-captura estivera a cargo do tenente-coronel Olímpio Vândereil, que esteve no Hospital Humanitas, quando o combato retirou a escuridão dali. E mais: confirmou ■ movimentação do combato, os horários, ■ as pessoas envolvidas.

Terminada a gravação senti o quanto ele ainda estava nervoso, mas certo de que poderia confiar em mim para sempre. Levei-o de volta a Três Corações e fui para a casa de minha mãe. No meu quarto de janela aberta, estirei-me ■ cana ■ contemplar a noite, lá fora, prosseguindo lenta e fria - com os seus silêncios e escuros mistérios.

Segunda-feira - disse ■ mim mesmo.

E outra semana estava apenas começando!

(\*) Pertencente ao CICOVAN até aquele exatidão, estudado hoje efetuando pesquisas independentes.

## Capítulo

# III

Vários textos foram  
divulga-  
dos, mas não se viu  
nenhum deles  
de uma forma.

Francisco Severi

Fl Nr 117

Escritório

No correr da semana foi terrível para nós o volume de telefonemas recebidos. Os jornais publicaram fotos e entrevistas. As TVs deram destaques em seus noticiários. E o terceiro *Fantástico* foi ao ar no domingo, dia 12 de maio.

Novos e impressionantes relatos nos foram confessados.

E isso nos leva cada vez mais à reflexão sobre a urgente necessidade de uma consciência maior por parte dos Grupos Ufólogos, que é a de trazerem a público - com absoluta clareza e simplicidade - o resultado de suas pesquisas e trabalhos de campo, limitando urgentemente o espaço hoje invadido por inúmeros entusiastas que promovem cursos e palestras ■ propos extorsivos, dizendo-se *entusiastas por diligências* (e dá-se a eles uns nomes estranhos) mas que fugiriam de qualquer caso fosse necessária a comprovação de todo o mencionado. Mais: tem gente que, quando os assuntos, se arrancam o direito de poder modificar as vidas das pessoas inocentes (e os seus destinos), não hesita em fazer mas que não têm grupo nenhum a que recorrer...), delas fazendo ritas disso-  
c-

daquilo, e por este-ou-outro-motivo torná-las confiantes de suas grandezas espirituais, etc. A tudo isto, soma-se, nos falsos amigos dos ETs, a mentira maior quando mencionam terem sido abduzidos = viajados em maravilhosas naves rumo = não-set-ouno... para melhor aplicarem seus conhecimentos = adquiridos através das mensagens extraterrestres... os seus próprios resultados pecuniários, isto sim, no retorno financeiro da planificação!

Pelo que sabemos = podemos provar = é da existência de pessoas que, estas sim, foram de fato abduzidas; viajaram em vários tipos de naves; tiveram contatos diretos e até sexuais com extraterrestres. Mas estas mesmas pessoas ainda hoje se acanham ao revelar os fatos, justamente por estarem desprotegidas e com o medo natural de ser molestadas. As que têm coragem e se animam a depor, fazem isto com honradez e brio, nunca com o aparágio da superioridade e grandezas de tais privilégios. Ainda assim, jamais cobrando de qualquer platéia os seus depoimentos.

Então, que os Grupos Ufológicos e a maioria de seus membros resolvam - doravante - descer de seus pedestais e afastem-se, ao menos vez por outra, de seus arquivos pessoais, e tragam suas pesquisas = público... em palestras e conferências, em que o espírito investigador seja maior do que a vaidade humana!

Uma pessoa nos ligou pedindo se poderia ir ao nosso encontro à noite. No horário aprazado, chegou. Veio acompanhada de uma outra. Ambas aparentavam ter de quarenta e cinco a cinqüenta anos. Identificaram-se e pediram sigilo de seus nomes sobre o que iriam mencionar. E um deles contou de um contido seu ter dado carona = um militar, quando o mesmo comentou a verdade de todo o ocorrido com a *cratúra*, pois sabia de portadores de sua captura desde o mês de março, mas estava receando a fuga logo depois de sua libertação, confiantes de que o mesmo estava direcionando a fuga para o Brasil, não fosse a existência de uma sociedade com que trabalhavam na elucidação melhor possível do caso, eles nos procuraram porque haviam conversado com um conhecido de um determinado militar e não havia mais nenhum impedimento para que fosse contatado. Deus-nos os nomes deles e, a partir daí, começamos a estudar um meio de nos aproximarmos, pois eles não sabiam onde moravam os dois cidadãos.

No dia seguinte, pedi a uma conhecida minha que fizesse um contato telefônico no endereço de um deles, com uma desculpa qualquer, para intenção de conseguir seu endereço. E deu certo! De posse do mesmo, em Varginha confirmei o local e, por oito vezes, estive a procurá-lo na residência, não logrando êxito devido à incerteza de horário com que retornava para casa.

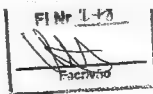
Finalmente encontrá-lo e atendeu-me no portão de casa. Mas, ao verem-me e saber quem eu era, não quis alongar conversa comigo nem dentro de casa nem perto, muito menos na porta, por causa da vizinhança. Alegou que era uma pessoa conhecida e isso chamaria a atenção de quem o visse comigo. Combati um um local tranquilo e chegamos em separado para lá. Estava à paisana e procurei ser o mais discreto possível. Conversamos amenidades enquanto eu tentava sentir, por parte dele, se realmente havia o que dizer em relação a qualquer fato ligado ao conhecimento direto sobre a *cratúra*. Depois, então, marcáramos um outro local para o segundo encontro. Eu levaria o Ubrajara para conhecê-lo.

Mas ele se dispôs a contar a respeito da *cratúra* avistada pelas meninas na tarde do dia 20 de janeiro, e do que realmente havia acontecido após a operação-captura, confirmando que o único comando da PM estava envolvido. Aconteceu naquele mesmo dia 20, à noite, com a participação de elementos à paisana, usando de carros civis - os P2, do serviço secreto da PM e os B2, do serviço secreto do Corpo de Bombeiros.

Com mais esta afirmação, maior certeza tivemos da veracidade do fato, porque já havíamos colhido informações de uma autoridade judicial que nos ensinara a mesma história. No entanto, desde aquela ocasião estava circulando pela cidade o boato de um militar morto no envolvimento com a *cratúra*. Na época não demos atenção ao fato porque tínhamos de nos assegurar primeiro da verdade sobre a *cratúra* - e o que fizeram com ela - para, depois sim, e o que estavam fazendo nos meses subsequentes, ir ao encontro das testemunhas e seus depoimentos, para chegar a uma compreensão final em relação ao que de fato ocorrera.

E essa testemunha de agora confirmou que um P2 (do serviço secreto da Polícia Militar de Varginha), participante da captura, havia falcido de infecção generalizada. Confissão haver ficado surpreso com a informação, porque aquele primeiro rumor estava se consubstanciando naquele momento. Além disso, ao mencionarmos a captura na noite do dia 20 de janeiro, após a chuva de granizo que ocorrera com enorme tumulto na vida de muitos, com casas destelhadas, muros derrubados, pessoas precisando de socorro. E ele estava mencionando uma segunda captura - se sabemos que a primeira ocorrera na parte da manhã e com o envolvimento do Corpo de Bombeiros, tendo o Exército levado esta *cratúra* para a ESA. Daí, o porquê desta segunda captura ter passado despercebida, sendo noite e com a *cratúra* escondida num terreno baldio do bairro Jardim Andere, próximo ao local onde as meninas avistaram-na à tarde, estando os militares em traje de civil com carros de passeio.

Ainda um tanto chocado com a confirmação da morte do militar, pedi a ele que me desse maiores informações. Alegou que provavelmente a vítima tinha entrado em contato direto com a *cratúra*, vindo a falcer poucos dias depois com infecção generalizada, atribuindo isso, em função dos comentários dos colegas de



trabalho de que fora motivada por alguma coisa vinda da *criatura*, ou algum tipo de germe, ou vírus, ou algum microorganismo que faz parte da sua composição genética mas, para nós, humanos, totalmente letal. No momento, recordei dos animais do Zoológico, mortos de maneira surpreendente.

Naquela altura da nossa conversa surgiu um dado complementar que, pela primeira vez, me surpreendeu: o militar continuaria contando mais detalhes e entrasse diretamente pelas informações. E quanto mais eu insistia em que ele prosseguisse dizendo sobre a morte do militar ou mesmo sobre a captura, mais ele demonstrava conhecimento do caso citando partes. Mas, para revelá-las havia um preço a ser pago, alegando necessidade de saldar compromissos vencidos, aquela era a oportunidade dele, sugerindo, inclusive, marcar um segundo encontro nosso. No entanto até ali confirmava que realmente a operação-captura ocorreu, tendo havido comunicação entre a PM de Varginha com o alto comando da PM de Belo Horizonte.

Disse-lhe das informações que passava e muito serem extremamente importantes mas que eu precisava levá-las ao conhecimento de meu companheiro de pesquisas. E que eu gostaria sim, de um próximo encontro, contar com a presença de Ubrajara, junto comigo. Não fez objeção, como se o caso Varginha não lhe dissesse respeito. Sabia de tudo ser sigiloso mas, para ele, diante através de seu comando de que era segredo absoluto, pouco se importava, pois nada daquilo lhe dizia respeito. Marcamos novo encontro para o dia seguinte, à 1h da madrugada, num local pré-determinado.

Retornei ao escritório do Ubrajara. Esperei-o e contei-lhe tudo. Num misto de surpresa e tristeza pela morte do militar, passamos a fazer várias indagações e nós mesmos:

Se a *criatura* tinha algum microorganismo letal para a raça humana, os médicos, paramédicos e enfermeiros do hospital Humanitas já estavam cientes do militar infectado e, por este motivo, estavam usando máscaras cirúrgicas? Ou não devido ao mau cheiro exalado? Mas a máscara cirúrgica protege contra mau cheiro?

Se verdadeiro o motivo da contaminação, os militares agiram silenciosos nas capturas, somente no intuito de proteger a população do pânico e, principalmente, dos curiosos por desajudar uma aproximação sem saberem do perigo eminente do contágio?

Também, em sendo este o motivo verdadeiro, nós - em nosso trabalho de pesquisa e divulgação dos fatos - não estaríamos prejudicando o empenho dos militares em guardar tamanho segredo?

Mas, independentemente do perigo, a investigação ufológica existe na sua concepção maior exatamente para trazer a público a compreensão dos fenô-

menos se, ao mesmo tempo - no caso específico de Varginha -, ir fundo na questão de capturas *criaturas* sinal poderiam existir, se de duas delas já sabíamos: a que fora capturada na manhã do dia 20 de janeiro, e a que fora avistada na parte da tarde pelas merlinhas.

Entendemos que a população de modo geral deveria ficar sabendo sim, mas até onde estaríamos entrando em assunto de segurança nacional? Teríamos chegado a esse ponto?

Ao mesmo tempo, não pertence a nós, humanos, o direito de conhecer a verdade dos fatos, ainda que contados pelos militares, no sentido de nos atualizarmos e estarmos em algum perigo iminente? Ou eles estarão suficientemente armados para dar conta do imprevisível?

No dia seguinte, um pouco antes da meia-noite, saímos de carro ao encontro do militar à nossa espera no local combinado. Entrou no carro, sentando-se no banco de trás. E ficamos a rodar por ruas desertas àquela hora conversando amenidades. Mas, porque a noite estava muito fria, retornamos ao escritório. Ali, de novo, as indagações para com ele.

No entanto alegava que o soldo de militar era pequeno e estava necessitando de dinheiro. Justificou, também, que as informações em nosso poder valeriam muito, porque certamente iríamos vendê-las para a imprensa e tevê. Sem nenhum constrangimento, pediu-nos (R\$ 3 mil). Explicamos que sempre foram a expensas de nós mesmos a cobertura das despesas com relação a gastos de gasolina para viagens, contas telefônicas, alimentação, e tantos outros, além da quebra da rotina de nosso trabalho profissional, tudo em função da pesquisa ufológica jamais remunerada. Pelo contrário, sempre nos pesando tal ônus e arcar em benefício de um objetivo: o de trazer e publicar informações corretas sobre o acontecido em Varginha, em que pesassem todas as despesas por nossa conta e risco.

Por outro lado deixamos transparecer a ele o quanto já sabíamos, alegando a possibilidade de até ocorrerem coincidências de informações. No entanto confessamos a nossa surpresa com a notícia da morte do militar, lida até então como mais um dos inúmeros boatos.

No meu íntimo e no de Ubrajara, não pagariamos. Mas também não iríamos dizer a ele, pelo menos naquele momento. Tentariamos contactá-lo num futuro próximo possível.

Conversamos mais um pouco, prometendo um novo encontro. E, ao deixá-lo próximo da casa dele, e devido ao avançado da hora, levei Ubrajara para casa, seguindo viagem rumo a Três Corações.



**F**omos ■ Afensas e entramos em contato com a "Dagmar", mãe da "Linda" - testemunha ocular da existência do vídeo com ■ craturas. Mas ela se esqueceu de todas as mantras quando pediu que a filha nos desse seu testemunho.

— De jeito nenhum, doutor. Minha filha trabalha em casa de patrão militar e mexer com esse povo de farda é gente tem muito medo. Ai ela perde o emprego e ainda leva um castigo pra rua. O senhor me desculpa, mas não vou deixar a filha falar com o senhor, não. De jeito maneiral Melhor mesmo é a esquecer essas doideiras de ter avistado os monstrosinho o doutor nem lembre-se veio aqui.

Arredou-se da porta trancando-a por dentro, deixando-nos - Ublrajara e meu - do lado de fora. Preferimos recuar. Admoestá-las seria terminar com a possibilidade, quem sabe, da moça, um outro dia, resolver contar?

Apesar disso tínhamos conseguido muitas informações com mais testemunhas envolvidas e novas narrativas.

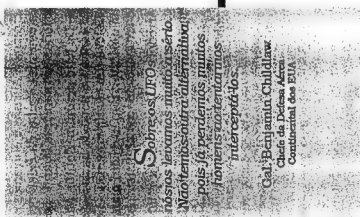
Dois senhores que nos haviam procurado à noite na casa do Ubirajara, aparentemente 43 e 50 anos, disse conhecer um amigo que era coronel e um militar. Este militar é o dos R\$ 3 mil de dinheiro. O outro contou-nos uma história muito importante, dito pela irmã dele, residente em Alfenas, cuja empregada doméstica, "Dagmar", tem uma filha, "Jandaura", trabalhando na casa de um militar em Varginha.

Um dia, ela telefonou para a mãe, em Afonso, multiverbosa e agitada para contar que, ao fazer o serviço normal de faxineira, viu o patrão-militar reunir uma sala com outros dois ou três amigos também militares. Ao fazer o serviço nos quartos, de um deles, por curiosidade deu uma olhada pela fresta da porta no que eles estavam assistindo na televisão. Era um vídeo mostrando duas *crutazes*, que ela imediatamente associou serem as mesmas já comentadíssimas na cidade e em outras localidades nos jornais e tevês. Segundo a explicação da "Lindaura", eram duas *crutazes* horríveis, de um tipo parecido estar numa espécie de tanque cheio de água e comia uma ruína. A outra, detida noutro tanque com água, parecia muito pior, que não se mexia. Contou para a mãe, nem haver dormido à noite de tanto pavor, e comia uma ruína. A mãe, depois de ouvir a filha, ficou muito triste e disse: "Dagmar", recomendando que se aquietasse, guardando segredo, pois estava em casa de militar, e sabendo de coisas ruins não fora chamada, corria o risco de ser mandada embora, aliada maliciando a vida dos patrões. Mas, ao mesmo tempo, também disse, embora não desse senão que nos contava isso.

A princípio pode parecer confuso esse valerm de pessoas aqui não identificadas. No entanto, como é necessário preservar as nossas testemunhas, cretamos estar sendo compreensível esse esforço de trazer a público o resultado dos nossos trabalhos de pesquisa, procurando elucidar como ocorreu, de verdade, todo o emaranhado de *perchucas* em *Vergilinha* e sua trama para a elucidação dos fatos. Se a pesquisa tem curiosidade sempre foram os principais requisitos de um fátogo, se não há nenhuma trilha das pedras que o árduo caminho pode ir-se aos poucos elucidando, a mesma avizinha de completo entendimento. A tudo isso soma-se o fato de darmos uma pequena contribuição para a existência de extraterrestres e de seus objetos voadores, jamais coube à Ufologia provar isso. A nossa intenção é mostrar que se não fosse exatamente o emaranhado do disse-que-disse, do ouvi-contar, não conseguiríamos conhecer-alguém – devido ao medo individual do ridículo –, mas conseguimos desentranhar o horizonte dos fatos para todas as pessoas, desejamos por fazer-las entender a necessidade de nos prepararmos melhor psicologicamente para compreendermos certos fenômenos que vêm ocorrendo neste mundo de que fazemos parte.

# Capítulo

# 12



No dia 6 de maio, segunda-feira, recebemos um telefonema da psicanalista doutora Gilda Moura, com quem estivéramos. Ubirajara, Luís Petry, a professora Irene Granchi e eu, no jantar após a nossa palestra no Rio de Janeiro, promovida pelo grupo CISNE. Dizia-se desejosa de deslocar-se para o Sul de Minas na intenção de inteirar-se melhor sobre o desenrolar do incidente em Varginha. E anunciou a vinda de seu amigo, o doutor John E. Mack - PhD em Psicologia pela Universidade de Harvard, onde ali também exerce o magistério - chegando ao Rio de Janeiro, encontrando-se com ela e rumando depois para Varginha.

Foi um regozijo da nossa parte e um imensurável apoio que recebíamos, pois a doutora Gilda vem desenvolvendo um excelente trabalho com pessoas que avistaram OVNIS ou seres estranhos, ou mesmo as que foram contactadas por eles. Através de entrevistas para melhor elucidar as ocorrências que de certa forma deixaram registros no subconsciente dos entrevistados, ou mesmo a regressão hipnótica como uma das técnicas médicas para dirimir dúvidas, sacar alucinações, conter o estresse emocional que ocorre em cada caso e em suas particularidades.

Enquanto o doutor John Mack (62 anos) procede do mesmo modo, acresce a seu currículo profissional o profundo conhecimento e vivência com esses casos, o fato de ter escrito o livro "Alien Abductions", além de ser o autor do filme "Intruders" (Intrusos), adaptado ao cenário do filme de Budd Hopkins, 1982, EUA, direção de Dan Curtis, com Richard Crenna, Mare Winningham, Susan Blakely, Daphne Ashbrook, Ben Vereen, Steven Berkoff, Jason Beghe, G. D. Spradlin, narrando o pesadelo de duas mulheres de cidades diferentes, que em seus sonhos avistam seres estranhos entrando em suas casas através de portas e paredes, deixando-as completamente atordoadas.

E, passando algum tempo, o fato se repete e elas vêm as crianças assemelhadas a elas, híbridas - concebidas fora de seus úteros, mas com as suas características humanas. O médico, no filme, representa a pessoa do doutor John Mack que, nos Estados Unidos, já fez centenas de regressões com mulheres americanas abduzidas, seqüestradas, levadas para o interior de navios e molestadas com terríveis experiências para - tempos depois - de novo contactadas, deixarem-nas ver suas crianças fecundadas em seus ovúlos, mas geradas em algum lugar do espaço com as mutações pertinentes aos autores das paternidades. Este tem sido o trabalho do renomado doutor John Mack, priorio a embarcar para o Brasil e encontrar-se conosco em Varginha.

A chegada dos dois foi acompanhada - como era de se esperar - pela imprensa. Porém, antes de darem entrevistas, foi preciso que os dois fossem preparados para o momento. O primeiro, sendo eu intérprete para o doutor John Mack, embora a doutora Gilda Moura também tivesse o domínio do inglês, tendo realizado viagens aos Estados Unidos para cursos, congressos, palestras e conferências.

Sem revelar as fontes, repassamos com eles não só a seqüência dos fatos como também mostramos vídeos e fotografias. Em um quadro magnético no auditório, pude fazer um quase cronograma de datas e ocorrências. Em alguns momentos, quando dávamos pequenas pausas para um café ou água, o doutor John Mack queria saber a meu respeito e sobre a minha vida profissional. Sempre sorridente e irradiando toda a simpatia de um homem simples,





apesar dos tantos títulos conquistados. Juntamente com a doutora Gilda, estava impressionado e parabenizava-nos repetidas vezes pelo que até então havíamos conseguido apurar.

O restante da tarde passamos no auditório sendo os dois entrevistados pela *Rev. Globo*, o *Estado de Minas*, o *Rj* em português e o *Diário da Imprensa*, continuando eu a servir de intérprete.

Anotacia quando fomos com eles à casa das meninas Liliane e Valquíria para que pudessem conhecê-las. Feitas as apresentações, e com a ausência de Italia, pois não pôde comparecer por estar viajando, houve a solicitação por parte deles se poderia ser feita a regressão, tanto eu quanto os outros, para a vida passada. Não foi necessário. Alegria e o silêncio fêz das coisas mais interessantes. Alegria, pois o silêncio não acrescentaria nada de novo ao acontecido. Além do mais, mesmo podendo estarmos errados com o nosso argumento, mencionamos que independente das revelações dos doutores se algo de estranho ocorresse ■ ■ ■ vive traz à tona a causa-origem, re/vivendo-a), e se elas revelassem uma minúcia qualquer que não fosse inerente ao caso, seria desconfortável para elas e todos nós — com a imprensa presente — podendo, inclusive, criar um momento de contragosto e incidir até em razões jurídicas que Ubrayara



Doutor John Mack,  
Liliane, Valquíria  
e doutora Gilda Moura

muito bem a explicitou. Nós ficamos acanhados e a imprensa poderia veicular fatos que nada teriam com o que estávamos trabalhando. Bastasse, portanto, uma entrevista muito bem elaborada a minuciosa para colherem os elementos necessários, se nada mais ocorresse com as meninas além do noticiado avistamento sem aproximação ou envolvimento maior que tivesse causado danos insconscientes. De certo haveriam de encontrar uma outra forma para se assegurarem da veracidade da história contada, por elas. Também, dona Luísa foi interrogada, ■ ■ ■ não na mesma intensidade que as meninas, se o que contou foi sobre a tentativa do suborno, repetindo as idénticas palavras de sempre.

Em alguns momentos específicos, quando o doutor John Mack dirigia-se em tom quase coloquial à doutora Gilda, desviava meus olhos para algum ponto, mas tentava ouvi-los, porque estava comprometido com o meu parcerio de passar-lhe as informações, se desde a nossa conversa no auditório eu repetia o mesmo gesto: narrando para ele as perguntas e as respostas traduzidas.

Junto aos doutores, os jornalistas faziam perguntas. Muitas pessoas dentro de uma casa pequena e simples. Câmeras e holofotes com a imprensa querendo noticiar o encontro naquela noite, ainda. Cláudio Covo — retornando a Virgínia para assistir a este encontro juntamente com Edson Boaventura e Jamil Vilanova — filmava os doutores, as meninas e a imprensa. Era para o nosso acervo. Estes nada comentavam. Também eu, prestando-me apenas às traduções necessárias,



O pesquisador  
Vilberto Pacaccini e o  
doutor John Mack

Doutora Gilda Moura,  
senhor Marcos Clepf  
e dona Terezinha Clepf



assim como procedi quando de nosso encontro com Bob e Cynthia. Os doutores perguntando e as meninas respondendo. Ao dar-nos por satisfeitos, retornamos ao auditório e, mais uma vez, desatenderam aos repórteres, julgando coerência nos relatos se - profissionais que são - naturalmente abalaram olhares, expressões, faces vermelhas, acanhamentos, constrangimentos, além de observações técnicas e médicas para as quais jamais coube o nosso julgamento ou interpretação. Mas, cientificamente, deram um laudo favorável lamentando - mas compreendendo - a ausência da regressão tanto desejada que fosse feita.

A impressão, mais uma vez, de posse destes resultados, divulgou o quanto estávamos no caminho certo de nossas pesquisas. Na dúvida, bastasse questionar o doutor John Mack, depositário de seu próprio nome, títulos e currículos na autenticação da verdade que ouvia, também aliançada pela doutora Gilda Moura. O próprio doutor John Mack disse: "Atesto em qualquer tribunal *se colocou a minha cátedra de Harvard em fogo, se o que ouvi das testemunhas não é pura verdade*".

Demos aquela noite por encerrada e, na manhã seguinte, fomos fazer os trajetos para mostrar o local do avistamento da criatura, o muro, a mata, os hospitais Regional e Humanitas e, também, levá-los a conhecer dona Terezinha Clepf, senhora muito lúcida, cujo depoimento foi coerente com o que já se havia divulgado, acrescentando apenas que durante várias noites estivera possuída de muito medo, imaginando a criatura da capreia-la através das frestas das portas e janelas.

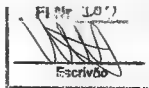
Um encontro com Kátia, retornando de viagem, também houve, cujo procedimento de entrevista foi idêntico ao de Liliane e Valquíria.

Terminadas as entrevistas, retornamos para o auditório. Como era domingo, o *Parafusico* estaria no ar às 20h00 com o terceiro enfoque do incidente em *Ver-güria*. Preferi assistir a ele sem proceder às traduções, mas gravei-o. E, aí sim, pausadamente, cunsa por cunsa, pude deixar o doutor John Mack inteirar-se

da reunião, do manifesto, dos nomes dos militares no combolo, dos vários depoimentos e da tentativa de suborno.

Alguém ao telefone chamava-me. Era o "Sergio", cientista da Unicamp. Não me encontrando em Três Corações, procurou-me em Varginha. Confiou a autópsia da criatura realizada pelo não menos famoso doutor Fortunato Bader Palhares. Este informante-cientista tivera a oportunidade de fazer suas sondagens em seu próprio local de trabalho, que é também dentro da Unicamp. Particularidades sobre isso nos passaria depois.

Ao relatar esta informação ao parelho, os doutores John Mack e Gilda Moura queriam seguir viagem para lá no dia seguinte, perguntando-me se eu iria com eles, com o intuito de fazer a autópsia. Tive que reagir, pois eu não poderia desapontá-los ao justificar esta impossibilidade, porque John Mack outro cientista se loiassem conhecimento deste contato por ser o doutor John Mack outro cientista de renome e conhecido mundialmente. Mais: argumentei sobre o envolvimento do Exército e que o meio científico brasileiro difere completamente do americano, porque todos aqui - principalmente os que estiveram ligados por modos diversos à criatura, estavam sob ordens militares de sigilo absoluto. E que a própria área científica, infelizmente, vivendo sob a tutela do governo não tem autonomia para seus trabalhos de pesquisas - ainda mais no caso em questão - onde o desmentido e o despieste seriam a tônica maior. Deixando isso bem claro, os doutores retornaram seus interesses ao nosso trabalho e aos fidei depósitos por mim contados a eles, mas prometi que, que, sempre quando possível, traria ao conhecimento de ambos mais informações: solicitando que fossem compreensivos com as maneiras de os uíologos brasileiros trabalharem, tendo de enfrentar o medo das testemunhas e o sigilo dos militares.



Após a apresentação do *Parafusico*, na segunda-feira, dia 13, resolvemos nos ausentar de Varginha para evitar o tumulto que teríamos de enfrentar novamente: fomos para Campinas - de onde nos chegavam informações ainda não concretas sobre o combolo da ESA em Varginha - porque possuíamos um cartão de que o combolo da ESA levaram-nos para lá.

Após a segunda-feira, por volta das 21h, o Rodolfo, filho de Ubrajara, ligou pelo celular noticiando que um informante meu estava avistando um OVNI sobrevoando a cidade de Três Corações naquela noite e necessitava falar comigo. O informante aguardasse, pois entraria em contato com ele imediatamente. E soube de um objeto alongado que, por mais de uma hora, parando sobre a cidade - visto pelo meu amigo - não se movia, tendo o dono finalizado mas, por inexistência com a câmera, a imagem não ficou nítida. Na esteira do possível a aproximação em zoom, porque a própria câmera era de poucos recursos. Sempre na tentativa de

aproximação, a imagem saía do foco. Dava a impressão de que se tratava de uma ideia do objeto piscando e trocando as cores das luzes. Agradeci e desligamos.

— Foi sair de lá e o espaço logo um OVNI sobre a minha cidade!

Ele riu, porque eu jamais avistei sequer uma luz estranha no céu. Nada de diferente que me levasse a crer fosse dos visitantes do espaço. Em toda a minha vida e nos dez últimos anos de pesquisa ufológica, entrevistando pessoas, ouvindo histórias e relatos comprovados cientificamente sobre avistamentos, aterrisagem, abduções, acompanhando a veracidade de *Incidente em Varginha*, já não havia visto nada de semelhante ou de mais curioso da sorte. Talvez por isso me venha a ideia de que ele me menta, por não haver conseguido a imagem perfeita de uma aparição formidável. Decerto nem as centenas de pessoas o tinham conseguido, porque é natural em cada um o susto e, ante a incerteza de ao buscar a filmadora ou a máquina fotográfica, perder aquele instante de encantamento ao vê-lo lindar do mesmo modo como surgiu, sem um sinal prévio. No entanto, compreendo que, à maneira de cada um, gravasse o acontecimento na retina dos olhos, na estupefata emoção e nos arquivos da memória. Deve ser, sim, um instante inesquecível.

Naquela mesma ligação do Rodolfo, fomos avisados que a equipe de reportagens da revista *ISTOÉ* havia chegado a Varginha, aguardando o nosso retorno.

Passado esse período, a ESA foi muito citada no noticiário, com a sua imagem aparecendo no assunto à solta pelo Sul de Minas. O general-de-brigada Sérgio Pedro Coelho Lima achou que era oportuno se manifestar. Mas quanto a isto cremos, com certeza, ter sido por ordem do alto comando de Brasília, quando um ofício para a imprensa — assinado pelo chefe de gabinete do presidente da República, Tancredino de Aguiar — chegou a Varginha. Os jornais e revistas (e as Três Corações não há o que comparar em relação a inteligência), rádios AM e FMs de todas as cidades próximas também receberam comunicação.

Fomos avisados por alguns jornalistas nossos amigos e no dia e hora apontados todos se deslocaram para a ESA. A *Rádio Varginha de Vozes Bonitas*, o *Boi, TV Educadora* — todas locais; repórteres da *Assimiladora de Minas*, do *Hoje em Dia* e vários representantes de números e pequenos jornais da região compareceram.

Com toda a pompa e circunstância, o general Coelho Lima procura uma linguagem sobria para não ficar ostensiva e, ao mesmo tempo, para a imprensa ali reunida, a tudo julgar elegante. Disse que a ESA não tinha sido o de xingar a todos. Disse que o objetivo era de fatos aludidos pela imprensa nada havia a declarar. Que a ESA sempre fora aberta a todos e que os boatos levantados sobre a corporação eram levianos, movidos por intencões ocultas com o propósito de denegrir e macular a integridade e tradicional Escola de Sargentos das Armas de Três Corações. E que nenhum elemento ou material da escola teve retirando-se do recinto, deu por encerrada a coletiva, assim sem mais nem por quê. Houve um momento de silêncio perpétuo entre todos. A coletiva marcada para que o general se manifestasse, ele o fez de maneira a ficar o dito pelo não dito. Em resumo, fora infeliz na sua, dignamos, explanação de sua subalternidade para policiar a todos os presentes — e com antecedência não responderia a nenhuma pergunta. Ora, esta atitude era bastante típica daquelas autoridades forçadas nos quartéis que, após o golpe de 1964, fazendo-o como uma nuvem negra a soprar os ventos e perseguições no horizonte brasileiro. Por este motivo vivemos asfixiados por mais de trinta anos. Mas, como nada é perfeito, amaneceu a democracia e os homens de bom senso acordaram na pátria amada.

A imprensa reunida no salão da ESA pretendia apenas ouvir a confirmação de uma verdade que todos sabiam. Não estava ali a oportunidade para contar tudo? A *estrutur* que as meninas avistaram de fato não existiu? Também não foram capturadas pelo Exército? Se o general se predispusesse a usar sua benevolência em responder a algumas perguntas, se tivesse comportamento ameno e contivesse a verdade, mesmo alegando fosse ela segredo mi-



General Lima Coelho, no momento da coletiva (foto capturada de vídeo)

FIN: 134  
Escrito 138





para mim. Argumentei que seria melhor formarmos cuidado ao salmos ■ campo para o trabalho dentro de Varginha, cidades circunvizinhas e pelas estradas de terra — pois estas, sim, seriam bem propícias à tocala, ideais para se comportar sob o anônimo, pois jamais teria coragem de agir abertamente em público.

Após o almoço, recebemos Luíza Villaméa — repórter de *ISTO É* — e os fotógrafos Ricardo Giraldez e Carlos Fenerick. Não foi necessário dar todas as explicações, já que estavam a par dos acontecimentos. No entanto, desjejaram ter acesso aos depoimentos dos militares, forçando-nos às várias alegações do século. Ouviram-nos atentos, com a Luíza, pacientemente fazendo anotações. Pediram-nos que lhes mostrássemos os locais dos avistamentos, das capturas, desposseções. Também de conhecer as mentiras, a dona Terzinha Clep e o casal Eurico e Oralina. O que esteve a nosso alcance fizemos para ajudá-los. Mas era pouco. Tocaram no assunto dos depoimentos dos militares e se era possível uma foto de um deles, alguma transcrição ou qualquer coisa que justificasse um "furo jornalístico". Não fofocarei com o meu pai, concluindo que seria possível sim, uma foto, desde que fosse alterada a imagem do rosto, para que ninguém o identificasse. Se isso ajudasse, fariamos. Concordaram e fomos ao nosso acervo. Pegamos uma fita de vídeo onde eu entrevistava um militar. Paramos a imagem — uma determinada cena e fizemos com que ela fosse modificada no computador através do efeito mosaico, como costum hoje em dia no noticiário da televisão, principalmente quando enobscem depoimentos, imprimindo em cores, mas o rosto dele ainda era indistinguível. Refizemos dois outros, acrescentando coisetas e modificando a impressão desta vez, entregamos a Villaméa, cuja reprodução está impressa na revista.

Em todas as nossas conversas fizemos questão de expor a gravidade do que ocorre na cidade e do quanto estava sendo importante a cobertura da imprensa, tornando o fato um marco na história da Ufologia brasileira, porque jamais um assunto desta natureza teve capa de revista.

Como as três ficariam mais um dia em Verapúha, na quarta-feira contaram as passagens para Trema Corações onde, na casa de minha mãe, poderia ter um encontro com pelo menos aquele que houvesse avistado o objeto que sobrevivia à incerteza enquanto estive fora. Marquiel com eles se encontrassem comigo lá, às 10h00, porque ainda naquele mesmo dia eu levaria ali o casal Eurico e Orallina, o nome de praxe estava fazendo com os repórteres. Inclusive duas equipes de agentes estavam presentes. Pois para mim não havia problema algum se eu não tinha nada de compromissos pessoais de que ■■■■ tivesse de nos mesmos encontrar. ■■■■ estava impossibilitado.

# Capítulo

**T**erça-feira, às 12h00, chegamos a Varginha, vindos de Campinas, onde realizamos mais uma etapa do que-  
tridamos. Chegamos ao hotel onde realizamos o jantar. Acabávamos de entrar na casa de Ubirajara quando ele nos informou de um telefonema anônimo recebido no motel anterior. Era uma mulher, mais ou menos da idade de minha irmã, de aparência masculina, a nos ameaçar de morte, alegando estarmos indo longe demais e que a hora de pararmos com tudo havia chegado. Caso continuássemos, iríamos acabar com as consequências.

Refletimos sobre o fato e não ficamos sobressaltados nos processos. Afinal, era esperado que cedo ou tarde, este tipo de comportamento poderia vir a acontecer. Não nos surpreendemos com a atitude de quem não se dá ao trabalho de analisar de mãos dadas com a covardia ou a inveja. Gente de mentalidade lacunosa, miserável. Para mim, quem se comporta desta maneira inicia os seculares trabalhos de brancos! Do lado de fora a representação da pureza, da inocência, da imagem imaculada da mulher, no entanto, "excreta", o podre, os vermes! Este tipo de gente jamais me atemorizou porque, se não tem a coragem para se manifestar frente a frente, representa o paspal de um zero à esquerda na sociedade e, em termos ainda

As chegaram, havia falado com o meu informante - aquele com quem conversara pelo celular enquanto estive em Campinas. Disse-me de um militar da ESA, muito amigo dele, de também ter visto o objeto, mas lentas manobras e peripécias, num tempo relativamente longo - não em apenas por alguns furtivos momentos.

Este militar não disse que dentro da ESA inúmeros colegas de farda estivessem filmando e fotografando o objeto. Não soube declinar os nomes deles mas, a nós, sobre este avistamento, não nos importava. Afinal toda a cidade teve a feliz oportunidade de avistar o mesmo espetáculo. Mas levantou - hipótese de que os militares talvez estivessem registrando tudo, provavelmente atentos - qualquer coisa diferente do objeto, pois - cratulas do espaço poderiam estar cientes das coisas que estavam ocorrendo no quartel. daí a atenção dos militares voltada para a filmagem e fotografia, porque eles sabiam muito bem do porque e do efeito. Articularam suas devidas precauções.

Como este militar não poderia aparecer na reportagem da revista ISTOÉ, pois ele havia me passado outras informações, após outros telefonemas encontrei dois amigos, um deles cujo nome não lembro, mas que também avistara o objeto e o desenhou. Marquell com eles um encontro, e nos dois dias seguintes, eles me passaram informações que eles se referiam a ele como parecendo a um submarino. Os dois amigos nos disseram que ele ser um pouco arredondado nas pontas, com uma pequena cúpula além de umas janelinhas. E a menina, um tanto alheia às conversas, fazia o desenho como ela também o avistara, aparentemente numa altura muito baixa para conseguir acrescentar tantos detalhes. O desenho (também publicado na revista) representava, em quase o mesmo submarino narrado pelo casal Eurico e Oralina, levando-nos a crer em enorme semelhança com mesmo tipo de objeto, também possuindo dimensões pequenas, além do "tocuruto" dito por Eurico. Somente não soltava fumaça. Mas na noite clara de Três Corações será que aquele objeto esteve quase por duas horas pairando sobre a cidade somente com o propósito de alegrar os olhos de todos? Certamente que não. Estivera sobrevoando a cidade por algum motivo. Mas qual? Fazendo o quê? E por quê? Ou seus tripulantes seriam outras cratulas no vagaté das que eu perdi? Ao se afastar, de tanto tempo, foi este sobrevoar para nada? Não posso acreditar.

Feito o trabalho com a revista ISTOÉ, logo no final da semana subsequente a revista estava nas bancas. E a tiragem esgotou-se pelo Brasil inteiro. Para mim quando Possível adquiri-a tendo solicitado com antecedência ao jornalista que me enviou. E vou dizer aqui o mesmo, tendo a população lido cada vez mais impressionada e abismada, talvez para a desconfortância para a credulidade. Afinal, o assunto das cratulas tendendo a se espalhar em cores mais vivas, ilustrações, depoimentos, incluindo o box a que nos aprofundamos a página 138.

# RELATÓRIO DE EVIDÊNCIAS E INVESTIGAÇÕES:

16/05/96 a 22/05/96

Recebido por Claudir Covo, enviado pelos irmãos Mondini do CEPDEX, de Sumaré-SP.



Irmãos Mondini: Eduardo e Osvaldo

16/05/96

Eduardo Mondini recebe ligação de Ubirajara Franco Rodrigues, de Varginha-MG, informando que um telefonema anônimo vindo de uma pessoa de Jundiaí-SP teria lhe informado que na segunda-feira (17/05) de madrugada, alguma coisa teria transitado no Quartel de Aviação da Força Aérea Brasileira (FAB) para o 2º GAC (2º Grupo de Aviação de Campanhas) da Força Aérea Brasileira (FAB) de Jundiaí-SP. Os irmãos Mondini, então, foram contatados pelo telefone e foram avisados de que estavam vigiando a quartel. Ubirajara finalizou solicitando apoio do CEPDEX para confirmar esses fatos, pois a pessoa (que era uma mulher) lhe pareceu muito sincera.

11b20m

11h30m

Eduardo liga para Osvaldo Mondini na Indarna solicitando que o mesmo entrasse em contato com "Rubens", representante do CEPDEX em Jundiaí-SP para que o mesmo averiguasse junto ao 2º GAC as informações passadas por Ubirajara.

11h43m

Osvaldo telefona para "Rubens" a solicita que o mesmo verifique junto ao 2º GAC as informações sobre o comitê militar que teria sido de Campinas e entrado no quartel em Jundiaí-SP.

18h00m

"Rubens" telefona de Jundiaí-SP para a residência de Osvaldo Mondini, informando que foi ao 2º GAC de bicicleta e entrou para tomar água (desculpas arrumadas para entrar no quartel). Rubens perguntou aos senhores sobre o comitê e os mesmos não

submarino, informaram tudo, disseram que não havia nenhuma movimentação de tropas, mas que o submarino estava no porto de São Paulo. Quando eu cheguei ao submarino, vi que ele estava no porto de São Paulo. Quando eu cheguei ao submarino, vi que ele estava no porto de São Paulo. Quando eu cheguei ao submarino, vi que ele estava no porto de São Paulo.

20/05/96

Caros, Marco Antônio e Eduardo Mondini (do CEPEx) assim da sede do CEPEx em Sumaré-SP com destino à 11ª Brigada de Infantaria Blindada, Instituto Médico Legal, Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas-SP e ao 2º Grupamento de Artilharia de Combate, em Jundiaí-SP com a missão de fotografar, filmar e encontrar alguma pista da passagem do ET de Virgínia por esses locais.

14h47m

Entramos pela guarita que dá acesso à 11ª Bid Inf Bld pelo lado da Via Anhanguera, passando pelo 2º Batalhão Logístico (2º BELOG), 28º Batalhão de Infantaria Blindada (28º BIB), 2ª Pelota de Polícia do Exército (2ª Pel PE), Quartel General da Brigada, Companhia de Comando da Brigada e 2ª Companhia de Comunicações Blindada (2ª CIACOM). Filtram os que foi possível com a câmera escondida no carro em movimento. Por todo o quartel existe guaritas com soldados armados vigiando a entrada de cada Companhia.

15h00m

Paremos em frente à Escola Preparatória de Cadetes do Exército e fazemos com tranquilidade várias fotografias e filmagens do portão de entrada a das laterais da escola. Essas imagens e fotos foram feitas de ser registradas, uma vez que a escola é de visitação pública e os alunos passam por turistas.

15h15m

Chegamos ao Cemitério dos Ancestrais e fazemos imagens e fotos do DAI, em Virgínia. Não encontramos nenhuma movimentação de tropas, mas encontramos algumas pessoas que estavam por perto de pessoas que possuem familiares internados no local. Não notamos nenhuma movimentação estranha, as portas estavam todas trançadas e pudemos ver somente um funcionário que, ao nos avisar, ficou olhando de longe, desconfiado.

15h45m

Chegamos ao Aeroporto Internacional de Viracopos onde fomos averiguar se havia algum avião militar estacionado, e o que encontramos foram dois aviões

de carga ANTONOV. Um deles possuía pintura normal de linhas comerciais e estava carregando cargas convencionais.

16h16m

Quando estivamos indo embora notamos outro ANTONOV estacionado terminal da Federal Express e não possuía pinturas de linhas comerciais, mas trazia, além da bandeira russa, o emblema do governo russo na cauda, o que significa que o avião pertencia ao governo russo. Perguntamos a um funcionário que estava passando no aeroporto se o avião era russo e ele respondeu que não sabia. O avião chegou ao aeroporto no dia 15 deste mês e não havia sido registrado. O avião chegou ao aeroporto no dia 15 deste mês e não havia sido registrado. O avião chegou ao aeroporto no dia 15 deste mês e não havia sido registrado.

16h57m

Chegamos ao 2º GAC em Jundiaí-SP onde fomos atendidos pelo chefe da guarda "Evertton", que confirmou a chegada das viaturas do quartel de Campinas. Dissemos a ele que queríamos visitar o quartel e o mesmo disse que não era possível, mas visitas deveriam ser marcadas com o relações públicas do quartel durante a semana. O militar perguntou de onde estávamos vindo e dissemos que vínhamos de São Paulo para que o 2º GAC tentasse nos levar para visitar o quartel. Perguntamos a ele qual o veículo que o 2º GAC tentava nos levar e ele respondeu que não sabia. O avião chegou ao aeroporto no dia 15 deste mês e não havia sido registrado. O avião chegou ao aeroporto no dia 15 deste mês e não havia sido registrado. O avião chegou ao aeroporto no dia 15 deste mês e não havia sido registrado.

21/06/96

Eduardo recebeu ligação de Claudir Covo de São Paulo que informava que estava vindo a Campinas-SP para checar algumas informações que teria recebido da amiga "Miriam". Claudir disse que não poderia passar as informações por telefone, por razões óbvias, e que conversaria com Eduardo pessoalmente. Eduardo marcou horário para encontrar com Claudir Covo às 19h30/20h00 frente ao posto da Polícia rodoviária de Campinas-SP na Via Anhanguera.

20h20m

Claudir Covo chegou ao local marcado juntamente com Antônio Cruz e "Miriam". Eduardo Mondini que já o estava esperando e todos partiram para a casa da "Miriam", no bairro Jardim Fronteira, em Campinas.

21h30m

Chegamos a casa de "Miriam" onde fomos recebidos pelo seu marido e lá encontramos com "Santiago" (Sant) que nos passou as seguintes informações: Um amigo dele da equipe de Badminton Paltanos teria lhe informado que o corpo do ET estaria no Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp. Que o ET teria sido levado para Campinas porque o HC é o mais bem equipado do país e que as autoridades militares teriam escolhido a cidade de Campinas porque



141

- viagem de Três Corações-MG a Campinas-SP não era muito longe e assim o corpo não ficaria muito tempo exposto às condições da viagem.
- Unicap possui um laboratório subterrâneo construído na década de 70 para atender interesses militares. Esse laboratório está no subsolo do HC da Unicamp.
- Que uma das *criaturas* teria fugido e sido ajeitada em Virgínia.
- Que o legista Fortunato Badan Palhares estaria estudando a corpo da *criatura* ■ um especialista alemão.
- Que a *criatura* teria chegado a Campinas-SP e seguido direto para a Unicap.
- Que a Unicap possuía equipamentos de Primeiro Mundo e que a entrada no laboratório subterrâneo seria controlada por cartão magnético e impressão digital.
- Que Badan Palhares teria autopsiado a *criatura*.
- Que a casaca do Araguaia teria sido uma decolpa utilizada pelos militares para justificar a presença de videntes no HC e FML de Campinas-SP. As ossadas estariam no HC e no FML.
- Que a *criatura* teria sido vista no caso da captura do ET de Virgínia estariam sendo transferidos de unidade.
- Que um parente de "Miriam" que mora ao lado do Hospital Humanistas em Virgínia (MG) teria visto ■ noite da captura uma movimentação bastante grande no hospital.
- Que várias pessoas teriam avisado UFOs em Dellinópolis - MG na noite da captura do ET visto um ET resgatado outra *criatura*. O que estava no chão sendo resgatado teria levado um tiro e o outro estava tentando resgatá-lo e se ver os militares fugiu. Tudo isso teria ocorrido depois da chuva de granizo (segunda captura).
- Que ninguém teria sido ferido na operação de captura, mas que a "Miriam" havia dito que um dos militares envolvidos na captura estava desaparecido e acreditava-se que estava morto.

Deixamos a casa de "Miriam" e seguimos para nossas residências.

22/05/96

Ossado resgate ligação de "Jader", nosso contato na Unicap e o mesmo informa que seu amigo "Arnaldo" teria conseguido falar ■ uma pessoa que é braço direito do Badan Palhares. E esse senhor informou que havia muita gente atrás dele querendo informações e repêto da Unicap e que a alguns dias passado, certas pessoas tinham procurado o ET e tentado entrar no laboratório subterrâneo. Mas o "braço direito" confirmou que a Unicap e o mesmo não os atendia. Mas o "braço direito" confirmou que a *criatura* realmente está em Campinas, mas não quis "abrir o jogo" ■

16h00m

resgate do local onde o ET estaria. Informou ainda que a *criatura* teria chegado de avião e quem recebeu o corpo do ET foi ■ alô, mas não se dá muito bem com o Badan, pois ■ mesmos (nem um *raio* tempo atrás e diante desse incidente, Badan teria conseguido verbas para montar seu próprio núcleo de pesquisas dentro da Unicap. Ele ficou que este atendimento é ■ grande cientista e muito considerado na Unicap, e que será difícil conseguir mais informações, pois ■ mesmo é um dos envolvidos ■ pesquisa da Unicap sendo ■ pessoa muito *chueira*, pois o que o Badan lhe diz, ele responde então. (Palavras do "braço direito").

20h30m

Eduardo Mendini recebe ligação de Carlos Eduardo Bazzan (membro do CEPEN) que informa que ■ professor amigo seu lhe disse que um amigo médico lhe confidenciou que passando pelo quartel da 11ª Brigada de Infantaria Blindada, deu carona a um militar e no meio do caminho esse médico teria perguntado ao soldado se a história do ET ter vindo ■ Campinas era verdade e o militar confirmou que sim e que ele próprio teria visto cima da mesa de um de seus oficiais um documento falando sobre o ET.

■ Enquanto ■ investigação do incidente em Virgínia prossegue, a cotidiana do noticiário nacional continuava. Mas devemos ressaltar como curiosidade e de relevância importância ■ presença do Secretário de Estado Norte-Americano, Warren Christopher, vindo ao Brasil assinar com o ministro das Relações Exteriores, Felipe Lamprea, um acordo de cooperação para uso pacífico do espaço exterior.

Isso, na época, nos chamou muito a atenção porque provavelmente foi mais um argumento no sentido de envolver o governo brasileiro, de modo a não continuar, nesse processo de acordos, com o Brasil. Mas o fato de o Brasil ter se comprometido a contribuir sobre certos aspectos ou de vida extraterrestre. Esse acordo irá - num determinado momento - viabilizar ■ ida de um astronauta brasileiro ao espaço...

Uma ocorrência muito a propósito correlata a essa visita do secretário Christopher foi, também, na ocasião, a presença no Brasil, do administrador geral da Agência Espacial dos Estados Unidos - Nasa, Daniel Goldin. Visitou as instalações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, assinando acordos de cooperação espacial entre as duas entidades. Já houve acordos assim no passado, mas é a primeira vez que o principal dirigente da Nasa vem ao País conhecer o aparato científico nacional.

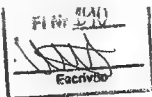
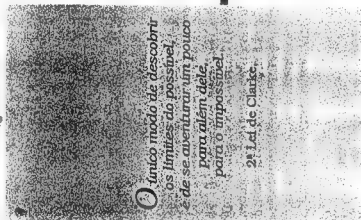
Nós, que estamos envolvidos com o incidente em Virgínia, não podemos dissociar a presença desse pessoal ao episódio mineiro, principalmente porque ocorreu esse encontro no início de maio. Coincidências à parte, não é estranho que alguns militares venham nos dar a certeza da presença de dois americanos

formulando esses tipos de acordo na efervescência do incidente em Varginha, cuja dimensão dos acontecimentos corria o mundo através da imprensa? Não foram aqueles momentos de tanta conversa mole sobre o envio de brasileiros ao espaço e as visitas nas instalações militares com mais acordos bilaterais - tudo feito para justificar a presença deles - incluindo a Nasa dentro das dependências da Unicaamp?

Um outro fato paralelo observado e de relevada importância é o de que, nesta mesma época, a Câmara e o Senado em Brasília tenham aprovado um projeto concedendo à Aeronáutica brasileira poderes para derrubar aeronaves em vãos clandestinos que não respondam à ordem de identificação, visando ao combate do narcotráfico e de contrabandos. Mas por que isso não fora feito anos atrás se não são de agora as notícias das rotas do narcotráfico? De aeroportos clandestinos? De centenas de aviões envolvidos? Por que agora?

Até quando tomaremos atitudes nossas sem a interferência dos estrangeiros? Qual é a autoridade estrangeira maior que a nossa? Se um dia já disseram: *o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil*, devemos a vida inteira viver engasgados com isso? Nossa visão tupiniquim continuará, até quando, criando folclores sobre as *criaturas do espaço* e seus objetos voadores como mãe-d'água, bolata, bolina ou taubas? Nossos militares não deveriam se sujeitar a tanto. Afinal, é correto acreditar que a fruta caída no nosso quintal pertencerá, sempre, ao pretenso dono do terreno?

# Capítulo 14



**C**hega a Varginha o editor-proprietário da mais conceituada revista de Ufologia brasileira, A. J. Gevaerd, que estivera mantendo contatos periódicos conosco. Com ele estavam as redatores da revista UFO, Danielle de Oliveira e Adriana Farias. Foram recebidos na casa do Ubirajara e, no auditório anexo, pacientemente expus todo o histórico dos fatos, desde o momento em que cheguei a Três Corações. Depois fui conhecer meu parceiro, levando a ilta com o depoimento do primeiro militar que eu havia gravado. Durante horas repassamos para ele e para os demais presentes as mais simples como meros afastamentos aereos e a cronologia das capturas, sobre as quais fiz o exame científico, o psicológico, etc. Mais tarde procedemos às visitas e fotografias às instalações da Ufologia. O casal Eurico e Orsolina foram entrevistados. Level e Gevaerd à sucural do jornal *Hoje em Dia*. A tudo estivemos solícitos a cooperativos na intenção de que ele fizesse com o máximo de fidelidade uma reportagem condigna sobre o fato.

E as edições da revista UFO se sucederam com matérias bastante contundentes.

**EXCLUSIVO**

# CASO VARGINHA

Primeira vez que o governo brasileiro reconhece oficialmente a existência de alienígenas no planeta.

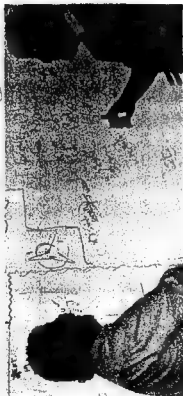
Um encontro com os extraterrestres aconteceu em 1977, em Varginha, Minas Gerais. Mas o que aconteceu lá não foi um caso de alienígenas. Foi um caso de guerra.

**UFO**

REPORTAGEM DE

**ALVARO SILVA**

1977



Em todas as edições ■ matérias foram muito elogiadas. Mas ■ UFO Especial teve sua tiragem de 18.000 exemplares esgotada em pouco tempo, tendo sido necessária novas impressões, tamanho o sucesso em todo o Brasil.



Mas resta? pergunta o que os militares faziam ali? Por que a campanha em varejista? O que havia na mata a exigir tanta atenção dos militares em combates? Se, pela manhã, ali estiveram os soldados do Corpo de Bombeiros capturando uma *cratula* entregue ao Exército, afinal, quantas *cratulas* foram na mata... uma parecia viva e encoadada, a outra, sugierindo ter sido morta; e, à noite, 15h30-15h35, as meninas avisaram uma *cratula* encostada num muro com os dois joelhos descolados, não demonstrando qualquer reação – presumivelmente, não seria por estar com medo e cansada?

Para nós, foi mais um depoimento a nos deixar eufóricos, pois aos poucos iam - parte a parte - formando o quebra-cabeça gradativamente.

Tempos depois colhemos as informações através de Claudel Covo, que empreendeu pesquisa junto com os irmãos Mondini e os membros do grupo INFA além da prestígio ajuda do Edison Boaventura e Jamil Vilanova, que vieram a descobrir ter sido baleada uma das *criaturas* não por haver atacado o soldado, mas de "beber" e de se acatar frente a frente com algo horrível para o "nosso padrão de beleza". Não se sabe porquê, mas, desclassificado por seus superiores da importância sobre o que estava fazendo ali, ainda mais considerando que uma *criatura* fora aprisionada na parte da manhã.

Devido às coerências e ao grande noticiário, o prefeito de Varginha, Aloysio Ribeiro de Almeida, com o intuito de ir a mim e ao parceiro para uma reunião em seu gabinete, marcada para o dia seguinte, fomos convidados a ir conosco. Chegamos o senhor Aloysio teve de ausentar-se da cidade por motivo de viagem em função de atividades afins ao cargo.

Quem nos recebeu foi o vice-prefeito, Paulo Vitor Freire. Parabenizando-nos, ao mesmo tempo entendendo a nós palavras de solidariedade em seu nome e ao prefeito, relevando a seriedade com que vinhamos trabalhando nas pesquisas.

Perguntou-nos se havia razão para o pânico. Afinal, a cidade vivia momentos de perplexidade, susto, medo, boatos sobre a *criatura* no cotidiano do cidadãos varginhenses.

Confesso, no momento, ter pensado que a pergunta tinha a ver com o que sabíamos por depoimento de uma pessoa, sobre o morte do militar.

Havendo algum fato extraordinário, solicitei que, juntos estudássemos um modo de dar continuidade a pesquisa. Para isso, eu teria feito o Exército - mais apropriadamente, se era ele o responsável pela pesquisa - através dos recursos de sua tecnologia e médicos capazes de terem detectado desde o início qualquer perigo iminente que pudesse afetar a população.

Na noite do mesmo dia recebo um telefonema em casa de minha mãe. Era um oficial militar de um Estado vizinho a Minas Gerais, que se identificou, comentando a nossa dedicação à pesquisa e se sentindo na obrigação de nos informar que - sendo ele um militar graduado - não poderia deixar o fato a ser mencio-

nado, apenas restringir-se ao meio militar, pois tratava-se de um assunto pertencente à humanidade.

Disse que os acontecimentos relativos aos OVNIs e a seus tripulantes não eram exclusividade nos céus do Brasil, pois no mundo todo tais fatos ocorrem com frequência. Concluímos que o Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo - CINDACTA I, de Brasília, tinha inúmeras informações catalogadas sobre tais fenômenos e que estava ciente de fatos que a população de um modo geral nem imagina.

Ainda no mês de janeiro, disse ele, da Base Aérea de Canoas - RS descolou uma aeronave, Búfalo, de carga e transporte de tropas, com destino a algum ponto do Sul de Minas Gerais, levando um radar portátil, mas de alcance razoável. Onde pousou ele não soube precisar, e nem nós sabemos, pois se fosse em Varginha chamaria a atenção de todos, porque no aeroporto de lá esse modelo de aeronave não existe e, se houve aterrissagem, foi em anos anteriores, não havendo notícia disto.

A carga era composta de três contêineres menores e uma caixa de madeira, tendo vários militares embarcado juntos. No primeiro contêiner havia geradores. No segundo, equipamento de recepção e computadores. No terceiro, uma pequena oficina portátil. Na caixa de madeira havia a altura destinada para o Sul de Minas. O motivo: a instalação do mesmo em área isolada, ou seja, para permanecer dentro da mata - muito existente na região.

Por que isso? Primeiro, não haver em Varginha este sistema de radar. Nem mesmo dentro da ESA, que é uma escola de sargentos das armas, porém voltada para a instrução de infantaria, cavalaria e engenharia de guerra. Assim, este radar estaria controlando o tráfego aéreo - inclusive e mais propositalmente - dos OVNIs, sendo localizados com facilidade e informando até pousos e quedas. Segundo, em sendo portátil, seria de bom grado para a ESA manter-se a par dos informes, passando a ter o controle da situação, não dependendo de Brasília ou Rio de Janeiro. Terceiro, a ESA teria condições de utilizar algumas aparções a posar-se em área máxima quando necessário.

E foi o que ocorreu, de acordo com a confidência de quem falava comigo. Tal fato também foi mais tarde confirmado pelas copias de uma grande patente de dentro da ESA, nos contendo do marido que, durante a "Semana Santa, não teve" permissão para sair do quartel, se estavam de prontidão - "em meio da *relatório*" conforme as palavras desta senhora, para o caso dos objetos tanto avistados pela população tornassem a surgir acintosamente. Afinal não foram eles, os militares, os responsáveis pela captura? Da morte? Do comboio para a Unimac?





Importante enfatizar que neste mesmo período militares americanos chegaram à ESA de helicópteros. Uma área fora interditada e vários agentes da inteligência e de militares do país foram enviados para lá. Alguns moradores da região, que tinham conhecimento da operação, que é contígua ao quartel, disseram já mais terem visto tamanha movimentação. Mas os militares residentes estão ali há anos, fato que chamava a atenção até dos mais incautos.

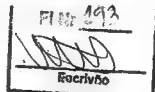
Somando os meus contatos sigilosos com os militares, já passavam de 15 e, todos, confirmaram - do primeiro ao mais recente - a presença dos estrangeiros dentro da ESA. Discretos e numa operação tranquila. Isto porque ainda no Brasil as forças militares ainda não têm tecnologia sofisticada para lidar com o fenômeno anônimo do passado, que os americanos possuem equipes de resgate, cientistas, antropólogos, etc. Mas quando for necessário usá-los. Enfim, toda uma infraestrutura para lidar com esse tipo de coisa. E depois de alguns dias, descobri o que os americanos estavam fazendo lá: além do apoio logístico, participavam dessa operação.

## Capítulo

# 15

*Este mundo  
é uma profecia  
do mundo que eu de vi.*

Edward Young



Ainda no mês de maio, os vários militares que estavam nos ajudando passaram a informação da abertura de uma espécie de inquérito interno feito pela ESA no intuito de apurar o porquê de vários militares citados nominalmente quando da captura e traslado da *crédula* do Hospital Humanitas à Unicamp.

É normal esse procedimento interno da ESA, dado o enorme contingente de mais de 3.000 homens nas suas dependências. Apura-se o fato que originou o inquérito, pune-se quem tiver de punir e a vida prossegue em continuidade ao dever cumprido.

Mas no caso específico da *crédula* chamaram as pessoas que foram citadas e arranjaram para cada uma delas as testemunhas necessárias no sentido de desmentirem suas participações no *incidente em Vorhúva*.

No dia em que os nomes dos militares foram citados por mim na reunião com os ufólogos e a imprensa - quando Claudir Covo fez a leitura do Manifesto - disseram-me terem arrojado uma ocupação para o tenente Tibério em determinado

lugar, tendo uma testemunha para confirmar o cabalístico. idem. O mesmo a respeito do capitão Ramitez, do sargento Pedrosa, do soldado Cirilo e mais outros cidadãos.

Também ofereceram-me cópias do documento de várias laudas. Quanto a isto agradeço a boa vontade mas dispensei tal oferta, pois estes militares-informantes foram amigos e se aceitasse estaríamos, todos nós, incorrendo em erro. Afinal estes papéis não representam importância vital nas pesquisas. Por saber da existência deste documento, fiz questão de pedir mais uma vez ao Sr. Ramitez a entrega do mesmo. O incidente foi resolvido e se prendeu apenas ao arquivamento de uma *cratura* pelas meninas. Foi mais longe. Era bem maior que se imaginava. Tornou-se uma grande árvore de muitos galhos espinhosos para nós.

Preparada aquela documentação, todos os cidadãos tiveram que assinar nas suas respectivas laudas, juntamente com a testemunha forçada com o único propósito de, quando e se - alguns ou todos - vierem - dar basta da corporação no dia, e por alguma razão resolvessem contar o que sabiam, o Exército teria como provar a mentira trazendo a público o documento assinado.

No dia 20 de maio, segunda-feira, a doutora Lélia Cabral, diretora do Zoológico de Varginha, telefonou-nos para contar que Ildo Lúcio Gardino (21 anos), seu aluno de Biologia no 2º ano de suplência do Colégio Batista, disse - e ela de ter avistado uma *cratura* muito estranha e fê-la a beira de uma estrada. E que ela, a doutora Lélia, estava preocupada com o aluno por senti-lo nervoso e muito tenso.

Procurei saber o horário que o encontrou e, no mesmo dia, fui até ele. Conversamos no pátio, antes do início de sua aula. Após minha introdução de praxe sobre pesquisa ufológica e do sigilo para resguardar o depoente caso necessário, - isto ele não fez nenhuma objeção.

— Vinha sozinho de Três Corações para Varginha dirigindo - Bestia (perua coreana). Passava das sete da noite. A poucos quilômetros da chegada, onde a estrada tem uma curva acentuada e, em seguida, uma grande reta em subida, ali, avistei depois desta curva uma *cratura* tentando atravessar a estrada rumo à mata do outro lado, após um pasto. Essa *cratura* estava em pé, ligeiramente curvada, quando beti os olhos nela. Tinha desaccelerado o carro devido a curva. A uns quarenta metros a minha frente os faróis clarearam aquela coisa marrom escura, com pelos por todo o corpo, os olhos avermelhados e grandes refletidos pela luz do carro e, num gesto inteligente e de proteção, levou as mãos - rosto e se agachou.

— Por que você não parou o carro? - perguntei.  
— Já tá louco! Se não parasse, o que era aquilo eu não ia fazer isso, nuncial  
— Não seria um macaco?

— De jeito nenhum. Era, isso sim, um bicho dos mais esquisitos, tendo na cabeça uma espécie de chifres pequenos.  
— Mas nem dentro do carro, com os vidros fechados, os faróis acesos atrapalhando a visão dessa "coisa", assim mesmo você não teve coragem de frear?  
— Nem! Por nada desse mundo eu a fazer isso. E o medo? Acelerei e toquei pra frente, passando perto dela enquanto olhei mais de perto. A coisa levantou e voltou pro lado de onde vinha. E foi embora.

— Acaso não seria um bezerro? - perguntei para estudar a reação dele na resposta.

— Bezerro de duas pernas? E peludo? Olhos arregalados de vermelho e grandes? Que o quê, só!

— Um tamandú?

— Ora, ele é mais peludo no rabo e tem fofocho fino além de quatro patas. Não, ora, que avistei foi coisa esquisita mesmo.

Confesso ter ficado impressionado com o que ele contava, entendendo haver mais *craturas* a solta pela região. Essa, diferente da de Varginha pelo fato de apresentar pelos; mas isso, para nós, ufológicos, não causa surpresa pois quando já temos a certeza de que há um Banco do Brasil - ABIB, a *cratura* por ele avistada era peluda e de olhos grandes. A *cratura* de Varginha, diferente pela pele lisa e orelhas, mas de olhos também grandes. De qualquer modo, o depoente se encontra ao nosso meio. Embora haja entre humanas características diferentes, indios, negros, japoneses; altos, baixos, magros e gordos; peludos e carecas, ainda assim permanece a espécie *Homo Sapiens*.

Pedi ao Ildo que reconstituísse a nossa conversa no dia seguinte, quando iria apresentá-lo ao Ufológico. Concordou e combinamos o horário e o local para irmos buscá-lo em Três Corações, onde reside e trabalha.

Fomos ao encontro dele e nos dirigimos para o ponto exato na estrada onde ele avistara a *cratura*. Descemos do carro e percebemos que atrás das árvores - depois do acostamento e exatamente no local onde aquela *cratura* estava - se traçamos uma linha reta estaremos diretamente na casa do Burico - Oralina - o caso que avistei o "submarino com o cocurú". Seria possível que esta *cratura* estivesse junto com as outras e, daí saindo do "submarino", seguisse rumo diferente?

O Ildo fez a simulação do comportamento da *cratura* que avistara. Registramos tudo em vídeo. Ao retornarmos a Três Corações procuramos saber a quem pertencia o terreno do outro lado da estrada para onde ela se dirigia, pois pretendíamos fazer uma noite de vigília. Segundo informações do Burico em toda

aquela mala, de ambos os lados, há muitas cobras cascavel, jaracuri-cruzeiro e outros peçonhentos, sendo comum de próprio matar várias pessoas, inclusive ao dono da mala. O dono da mala não sabe o que fazer, pois não sabe fechar, e não possuiu a mala para que ele não tivesse medo de não chegar de carro nem a cavalo. A pé recomenda-se uma equipe razoavelmente numerosa e atenta para promover a vigília durante a noite.

Fizemos o registro achando muito interessante o fato de no dia 15 de maio quando houve o avistamento desta *craturo* pelo lido, quase quatro meses havia passado desde o dia 20 de janeiro, data em que as meninas afirmaram uma coisa: que não poderiam mais encontrar a *craturo* no lido. Será que não foram capturadas por lá? Será alguma missão? Procurava-se se quem foram capturadas? Estariam perdidas pelo incidente acontecido? Afinal, quem são elas? Vieram de onde? Iam para onde? E o que, de fato, faziam ali no Sul de Minas?

Importante ressaltar que poucos dias depois, acompanhando o repórter do *New York Times* na entrevista com o casal Burico e Oralina, tive a oportunidade de comentar com o Burico o avistamento do lido. Ao que ele me respondeu assustado:

— Pacacini, não me diga uma coisa dessa! Agora faz sentido da cachor-rada endoidar de latido naquela semana. Inclusive, de noite, arranhando com as patas a porta de casa a numa choramingação de dá dó.

Na segunda quinzena de maio o produtor de televisão, Goulart de Andrade nos contatou de São Paulo demonstrando interesse de se deslocar para Varginha com a sua equipe na intenção de gravar um documentário. Ele expôs seu programa *Comando da Madrugada* na TV Manchete, aos sábados, em torno da meia-noite.

Goulart chegou de avião junto com a esposa, enquanto sua equipe de apoio viajou de São Paulo numa Chevrolet Verano. Segundos o roteiro normal: conheci as meninas, os locais dos avistamentos e das capturas, dona Terezinha Clepi, doutores Lella Cabral e Marcos, no Zoológico; enfim, todas as minúcias rotineizadas por nós.

No Hospital Regional, conversei com o administrador, senhor Adilson Usier, que negou qualquer envolvimento tanto dos médicos como dos funcionários em relação à *craturo*. Aproveitei a oportunidade para apresentar um documento querendo demonstrar que toda a movimentação havida nas dependências do hospital, na noite do dia 20 de janeiro, levado pelo Corpo de Bombeiros fora devido ao suicídio de um detento de Varginha, cujo corpo dera entrada naquela mesma noite do dia 20. Mas este argumento encontrou imediata resposta por parte



Goulart de Andrade  
entre os doutores  
Lella Cabral, Marcos  
e os pesquisadores  
Ubirajara e Pacacini  
(foto capturada de vídeo)

do Goulart de Andrade, porque entregamos a ele cópia do laudo pericial, adquirido através de uma advogada amiga de Ubirajara, dando a *causa mortis*, o dia e o horário. Após o entrevistador ouvir toda a argumentação do senhor Adilson, retirou do bolso um papel e, de frente das câmeras, ao vivo e em cores, pode desmentir-lo: — Olha, Adilson, sinto muito, ou você se enganou redondamente ou então é outro o motivo, porque estou aqui com o laudo nas minhas mãos e a tal pessoa faleceu no dia 30 de janeiro!

Outra contradição do senhor Adilson Usier, foi a de informar o Corpo de Bombeiros ter levado o corpo para o Hospital Regional. Acontece que o próprio capitão Alvarenga havia comentado do engano do senhor Adilson, pois o Corpo de Bombeiros não havia levado morto algum para o Hospital Regional.

Encerrando este quadro, levamos o Goulart ao Zoológico, quando conversou com os doutores Lella Cabral e Marcos. Sobre a morte dos animais, as análises das autópsias e, mais demoradamente, a mostragem de onde estivera dona Terezinha Clepi, além da exata posição que se encontrava a *craturo* avistada por ela. Também o level ao casal Burico e Oralina.

O documentário estava completo quando o Goulart pediu-me que o levasse a Três Corações porque desejava fazer uma entrevista com o general Coelho

Lina ou com quem pudesse atendê-lo. Foi com ele mas não entrei no quartel. O general, alto e de forma simpática, porém foi laconico, negando todo o envolvimento da ESA e alegando não estar mais autorizado a tocar no assunto. Somente Brasília poderia falar. Mais uma vez percebíamos a extensão do *incidente em Varginha*. Ao Goulart contei sobre o "Inquérito Interno" promovido pela ESA.

Encerradas as vistas, as entrevistas, o passado de reconhecimento, nos despedimos e Goulart e Andrade retornou à Curitiba. No dia 1º do dia 1º de junho, o programa foi ao ar com a duração de uma hora e quinze minutos! Tempo esse já usado para o programa dedicado a um único assunto de ordem ufológica. Desprezado por todos, o mesmo programa voltou a ser reprisado na semana seguinte.

Da parte final dos quadros nós não tínhamos participado. Goulart estava na Unicamp entrevistando o doutor Dádan Palhares, que tudo negou sobre a participação da *criatura* por lá. Mas levou o entrevistado a dizer que ele já na série de gavetas refrigeradas destruídas e os restos de corpos para autópsias no cemitério dos Anarais. Os imaculados já haviam tomado conhecimento das várias incursões de Goulart, bem como do esquema de segurança montado pelo Exército. Mas este passo não convenceu a ninguém porque a *criatura* de Varginha dera entrada na Unicamp no mês de janeiro e o programa estava sendo gravado em final de maio! Torna-se evidente que *criatura* alguma ainda estaria ali, na geladeira, esperando que o programa *Comando da Madrugada* chegasse lá e encontrasse estrada sobre a mesa. O certo seria a procura nos laboratórios subterrâneos em algum canto da Unicamp ou em bases militares próximas, no dia subsequente à chegada da *criatura*, entregue pelos militares da ESA.

Mesmo diante das negativas do doutor Dádan Palhares, não o colocamos aqui como a ovelha negra ou vilão da história. Se por ordens militares e superiores teve de negar qualquer participação sua, acalhamos. Afinal, é de praxe o acobertamento e o desquite em casos que envolvam Forças Armadas. Ao cientista brasileiro cabe a resignação por estar sob a tutela e a vigilância do governo. Além dele, outros cientistas também, pois o país, por mais rico que seja devido aos seus horizontes de ciência, continua cada vez mais pobre na aceitação da abertura para o conhecimento e a participação em novos horizontes de pesquisas.

# Capítulo

# 16

*Centas civilizações  
extraterrestres avançadas  
podem tentar trazer  
ajuda aos humanos.  
Mas eles o farão  
por intermédio de  
humanos sensíveis  
a essa comunicação.*

Apel Guey

Fl Nr 476

Escritório

No final de maio, meu parceiro fez comentários sobre o 14º Congresso de Ufologia, em Curitiba, Paraná, nos dias de 6 a 9 de junho, com a coordenação de Rafael Guey, presidente do Núcleo de Pesquisas Ufológicas (NPU) e da Associação Nacional dos Ufólogos do Brasil (ANUB), fazendo muita questão de que eu fosse com ele para apresentar o *incidente em Varginha*. Relutei, alegando que eu já mais frequentara congresso algum, porque o CICOAN por ter sido um grupo muito fechado, nem ao menos comentava entre seus membros tais eventos. Por outro lado não me animava a ir porque, na programação do evento, constava somente o nome de Ubirajara como palestrante sobre o *incidente em Varginha*. Quanto à não inclusão do meu nome, a mim não fazia diferença, pois a minha intenção - desde o início das pesquisas - foi contribuir com todo o meu entusiasmo e dedicação, movido pelo desejo de que as evidências sobre as *criaturas* simplesmente não ficassem apenas em anotações esparsas num acervo destinado ao esquecimento em algum arquivo com o passar do tempo.

COMISSÃO DE VERIFICAÇÃO  
IN CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE UTOLOGIA

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

Ora, se em toda a minha vida acreditei na máxima popular de *onde há fumaça, há fogo*, não deixaria esmorecer o meu entusiasmo – ainda no início de fevereiro –, resolvido que estava a procurar até o mínimo vestígio de fagulha, justamente por intuir a dimensão do fenómeno, quando pude entrevistar o primeiro militar em Três Corações antes mesmo de conhecer o meu parceiro. Também, movido pela vontade maior em fazer com que todos pudessem tomar conhecimento da indutível verdade dos fatos e os seus desdobramentos.

Mas, de tanta insistência havida por parte do Uthirajara, do Claudir Covo e do Gevaerd, comecei a me sentir deslocado, em permanecendo irrelevante. Fomos.

Chegamos em Curitiba na quinta-feira e tive a oportunidade de conhecer as pessoas de projeção da Ufologia brasileira que eu não sabia conhecer, além das grandes personalidades da Ufologia mundial, como o terapeuta Jonh Carpenter, dos Estados Unidos – atual presidente da Mutual UFO Network (MUFON); Graham Bird-sall, da Inglaterra; o físico Stanton Friedman, do Canadá, co-autor do best-seller *Ufo Crash at Roswell* – tendo reali-



John Carpenter



Pacacini entre Uthirajara (sentado) e Salvador Freixedo

zados nos últimos dez anos mais de quinhentas palestras em universidades americanas sobre Ufologia; Roberto Pinotti, da Itália, e Salvador Magdalena Freixedo, da Espanha.

Também Travis Walton, abduzido no Arizona, nas proximidades de S. Powiat, tendo desaparecido por cinco dias. Ao retornar à Terra, ele contou a história que originou o filme *Fire in the Sky* (Fogo no Céu) – dirigido por Robert Liberman e interpretado por D. B. Sweeney, James Garner, Robert Patrick, Craig Sheffer, Peter Berg, Henry Thomas, Bradlee Grigg e Kathleen Whitlock, em 1993.



Pacacini entre Uthirajara e Travis Walton (as oboas fechadas devido ao flash)



Pacacini entre Uthirajara e Stanton Friedman

FI Nr 197  
Escrito

Catálogo do Congresso

Além dos abduzidos brasileiros Dino Kraspedon, residente em Uberaba, MG, e do paranaense Emanuel Sanches.

Entre os conferencistas nacionais estavam Ana Santos (do grupo CEBAS), Ademar Eugênio (URANTIA), Geraerd (CAPPY), Claudir Covo (CERU), Edson Boaventura (GUG), Irene Cranchi (CSNE), Reginaldo Athayde (CRU), Romão Cury (CEWESCS), Marco Antonio Petit (AREU), Ubirajara e eu — pois fui para ajudar.

Sob este aspecto foi muito proveitoso para mim. A maioria deles sabia coisas a meu respeito através dos noticiários de jornais e da TV, mais querendo se integrar do *Incidente em Vargas* antes mesmo do dia da palestra marcada para a noite de sábado. Diziam alguns terem ido ao Congresso movidos muito mais pelo interesse despertado em relação ao *Incidente em Vargas* do que sobre os outros agendados para apresentação. Quanto a isto sentia-me bastante desapontado se o Congresso estava aberto a outras palestras com assuntos extremamente interessantes. Delicadamente expunha isso às pessoas.

Finalmente a noite de sábado chegou. Após a nossa preleção, até entrarmos no *Incidente em Vargas* propriamente dito, tivemos que abreviar ao máximo a nossa fala porque o assunto, sendo um pouco extenso, não caberia no prazo que nos deram, pois logo em seguida haveria o jantar de confraternização com hora marcada num restaurante. No entanto, comprometi-me com o público que, em havendo uma oportunidade cedida pelos organizadores do Congresso, no dia seguinte, domingo, poderíamos prosseguir na parte da tarde.



Momento em que Pacaccini (à esquerda) e Ubirajara narram o *Incidente em Vargas*, em uma das noites do Congresso



Graham Birdsall, Edson Boaventura, Ubirajara e A.J. Geraerd

E nesse jantar de confraternização o Ubirajara, ao demonstrar o desejo de ser fotografado ao lado de determinadas pessoas importantes no cenário da Ufologia mundial, sugeriu que eu os abordasse pela minha facilidade com o inglês, enquanto o Claudir batia as fotos.

Mas, no dia seguinte, cedo, Ubirajara teve de ausentar-se de Curitiba por razões pessoais, ficando eu sozinho.

Pela manhã, alguns estrangeiros, tendo problemas com a tradução no auditório do Congresso, a clientes de que eu poderia fazer uma palestra em separado para eles, em inglês, pediram-me que repetisse tudo o que eu dissera no dia anterior, antecipando o que eu iria proferir na parte da tarde. Foi para o hotel onde estavam hospedados Stanton Fridman, Graham Birdsall, John Carpenter.

Ligaram as filmadoras fixadas nos tripés, ouviam atentamente a anotação muitas minúcias do que eu fizava em relação a todo o *Incidente de Vargas* — resguardando os nomes dos meus depoentes — porque não havia nenhuma pressa nem tempo marcado para terminar. As vezes, um ou outro interrompia a minha fala para alguma pergunta, quando pude diminuir as dúvidas.

Foram duas horas de explanação a hoje acredito que todos eles levaram as informações para seus respectivos países na mais fidedigna exposição que pude fazer.

Na parte da tarde e com tempo extra conseguido, subi ao palco e concluí o *Incidente em Vargas*, contando com a presença de alguns companheiros que estiveram conosco: Marco Antonio Petit, Geraerd, Edson Boaventura, Jamil Vilanova, além do Claudir Covo, claro.



No dia seguinte ele chegou. Estabelecemos um roteiro do que faríamos em Passos, a duas horas de carro de Varigüia, e seguimos viagem. Ao chegarmos, ainda na parte da manhã, nos encontramos com Luciano Olímpio dos Reis (19 anos, 1,93m). Ele nos contou que no final de maio - não soube precisar o dia - passava das 23h00, com a noite escura, retornava a casa por uma estrada de terra, quando surgiu entre as árvores, tente a cerca de arame, quando margeado o caminho, uma criatura peluda, andando em sua direção.

Só poder um lobisomem! - disse, não tendo outra referência comparativa.

— E atacou você?

— Fez um tipo de rosnado que eu nunca ouvi de animal nenhum e também não sei imitar, e veio a cima de mim. Na primeira investida me rasgou a jaqueta e a camisa com aquelas unhas afiadas, iguais às de gato. Ai eu cai pra trás direito no chão. Mas ao cair chutei o peito dele, que se desequilibrou, dando um salto pra trás. Levantei do chão e corri, com ele me perseguindo e me derrubando de novo.

— Era alto como você?

— Mais baixo. De um metro e setenta mais ou menos. Mas aí eu tinha caído e ele avançou pra cima de mim. Chutei ele de novo na altura do saco, e, enquanto ele se esfregava, eu corri e me levantei correndo no rumo da casa da dona "Tita". Já perto. O cavalo que estava do lado de fora levou o maior susto e galopou pro outro lado. O bicho então correu atrás dele e eu pulei o muro, batendo na porta e pedindo socorro. Foi só isso, mas os arrastados ficaram no meu peito!

Perguntamos mais sobre a criatura, não tendo informações. Luciano disse de outras pessoas terem passado pela mesma situação igual à dele. Era só encontrar cada um com o cão e os cães estavam necessitados de voltar porque passava das 18h00. Então fomos lançar e o Cláudio retornaria a São Paulo imediatamente após ter me apoiado em mais esta etapa das investigações, sendo ele de um dinamismo admirável. Ainda insisti na pergunta igual a que fiz ao lido:



Luciano Olímpio dos Reis



Pasacchini simula com Luciano o momento do ataque

— Não podia ser um tamandua, pelas garras afiadas e ser alto quando em posição ereta?

— Foi não, só. Tamandua é peludo, mas tem um fuchinho cumprido demais pra gente perceber, mesmo no escuro. E acho dele não ser bicho que corre e empurra. A fazer desse jeito ele ataca é de vez.

— E não seria um macaco?

— Que o quê! Pra macaco tinha de ser era um gurila, mas não odiaria ele pras bandas do rio. E se fosse, aí o bicho que pesa pra mais de duzentos e cinquenta quilos tinha que se sacradado de vez!

— Afinal, que bicho você pensa que era?

— Pra mim foi lobisomem mesmo. Ninguém me tira isso da cabeça.

Entendemos que poderia ter sido uma criatura ainda não classificada, e nem pertencendo ao reino animal, exatamente por ser peluda. Recorro à lembrança das que Toninho e o lido avistaram, com igualdade nas descrições e certamente estarão desenvolvendo algum tipo de atividade no Sul de Minas.

Antes de retornarmos pedi ao Luciano se poderia fazer um desenho, ainda que rústico e modesto, tirado de sua memória, do que de fato avistara.

— Grande demais pra eu ter feito uma fotografia dele de cabeça. E obliosem sim, e, isso, a gente já sabe como é que ele é.

Na semana seguinte Ubrajara, em companhia de Marco Antonio Pettit, empreenderam viagem a Passos entrevistando as três pessoas vizinhas umas das outras na região rural, e que vivenciarão os mesmos encontros noturnos e em situações semelhantes às que Luciano, Toninho, e o lido, todos alegando o escuro da noite na impossibilidade de descrever com clareza as características dessa criatura, apenas concordaram em ser peluda, de unhas grandes e um comportamento diferente dos animais conhecidos.



## Capítulo

# 17

Nã escuta cômica:  
só o fantástico tem  
probabilidade de ser real.

Theillard de Chardin

Como estávamos atentos à possibilidade de um dos nossos informantes descobrir qual era a família do militar falecido, quando ele nos ligou anotamos o nome e o endereço. Estávamos no final do mês de junho, em torno do dia 20. Disse ao parceiro da minha intenção de ir procurá-los num sítio afastado do centro de Vargilha onde a família reside.

Manifestei vontade de irmos naquele dia mesmo. Ubirajara não podia porque teria de dar aulas. Então, que eu fosse e o procurasse depois, à noite, na faculdade.

Lá chegando, fui identificado por todos devido aos vários noticiários em que apareci. Apresentei-lhes meus pêsames e perguntei sobre o filho. Foi dito antes de seu passamento, justificando que um colega dele, de faculdade, havia conversado comigo sobre os incidentes. Numa surpresa inesperada com a informação que lhes passava (inclusive dizendo quase num resumo sobre todos os acontecimentos), entreolharam-se, entendendo a seriedade da minha presença que,

não fosse por um motivo maior não teria acontecido. A mãe, dona "Geralda", tomou a palavra, mencionando que no dia 20 de janeiro, seu filho, um P2 do serviço de Informação da PM, estivera em missão, e que na noite da grande chuva ele fora a casa para trocar de roupa porque estava sujo e muito molhado. Um carro de polícia, com placa oficial, se aproximou e parou na porta da casa. Ela não pôde ouvir o que se passou — o levava e o aguardava na porta. Ela ainda perguntou se ele teria de sair novamente, quando confirmou estar em missão muito importante, retornando somente de madrugada.

"Francisco", o pai do rapaz falecido, é motorista. Disse-me que antes mesmo de acontecer os primeiros boatos na cidade e do Ubirajara soltar as ainda incipientes informações na imprensa, ter conversado com o filho totalmente confiante, quando o mesmo lhe contou que estava em missão importante e que o assunto, a quase ordem ao pai, não poderia ser revelado por ninguém sob o risco de ele não ter certeza daquilo ser apenas o começo de uma grande confusão! — *Vai dar muito rolo, pai. Você pode esperar pra ver!* — disse ele.

A avó, dona "Benedicta", presente na sala, comentou comigo que ao surgirem as primeiras reportagens no noticiário local mencionando sobre extraterrestres em Vargilha, ela se sentiu na noite em que estava na cama do neto. Assim, ela ficou sabendo que o neto estava em missão importante e que o assunto, sob o aspecto da fébrilidade, o neto ergueu-se do sofá e desligou o aparelho, dizendo: — *Não assistam isso, que é isso é bobagem.* Assim, num repente, demonstrando enorme aborrecimento como se a de tal notícia o alestasse diretamente, embora sua atitude fosse incompreensível para a esposa e a avó. Mas não será porque ele próprio já estava impressionado?

No momento não pensei na sensação ou advertência sobre o que viria a acontecer. Depois, refletindo sobre o que aconteceu, lembro-me de que, naquela frase: *Teria lido o jornal e saudades militar de vinte e poucos anos, o cumprimento direto na operação de uma das capturas?* Estranho demais era o fato de, passados alguns dias após o dia 20 de janeiro — quando no período da noite ocorreu a segunda captura —, o rapaz vir a adoecer arrebatado de forte febre e sem motivo aparente. Se fosse devido à chuva e ter-se molhado, ainda assim uma forte gripe ou mesmo uma pneumonia não o teria derrubado a ponto de prostrar-se, percebendo visivelmente num leito de morte dentro da UTI do Hospital Regional. E a família, por sua vez, não obteve nenhuma informação médica enquanto o rapaz perdia os movimentos das pernas e dos braços, alimentando-se com alguém a ajudá-lo a pôr o alimento na boca, vindo a falecer sem que médico nenhum esclarecesse a causa, o motivo, a infecção generalizada... apenas recomendando um velório com a urna lacrada, de modo rápido e providenciando o enterro poucas horas depois.

Nesse momento disse aos familiares sobre o militar que havia me procurado pedindo dinheiro para nos passar certas informações; e de ter comentado



## TERMO DE ENCERRAMENTO DO 1º VOLUME

Aos dez dias do mês de março do ano de mil novecentos e noventa e sete, nesta cidade de Três Corações, Estado de Minas Gerais, na Escola de Sargentos das Armas, encerra-se às Fls 202 este 1º volume do Inquérito Policial Militar em que é indiciada a Publicação intitulada "INCIDENTE EM VARGINHA", de Autoria de Vitório Pacaccini e Maxs Portes, nos termos da Portaria nº 009-Aj G.2, de 29 de janeiro de 1997, do Exmo Sr Comandante da Escola de Sargentos das Armas; do que para constar, lavrei o presente termo.

Eu, [assinatura], VINÍCIUS PROBA DOS SANTOS, 3º Sargento, servindo de Escrivão que o escrevi e subscrevo.

[assinatura]  
Escrivão

